

Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
Curso de Publicidade e Propaganda

## **Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles e Nazismo:**

a construção da Tragédia Nazista

Autora: Nathália Lunardi Kern

Orientadora: M<sup>a</sup> Berenice da Costa Machado

Porto Alegre, junho de 2012.

# **Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles e Nazismo:**

## a construção da Tragédia Nazista

Autora: Nathália Lunardi Kern

Orientadora: M<sup>a</sup> Berenice da Costa Machado

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Porto Alegre, junho de 2012.

## **Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles e Nazismo:**

a construção da Tragédia Nazista

### **Componentes da Banca Examinadora:**

---

Prof. Dra. Maria Berenice da Costa  
Machado (Orientadora)  
UFRGS

---

Profa. Dra. Aline do Amaral Garcia  
Strelow  
UFRGS

---

Prof. Leandro Stevens  
UFRGS

Dedico esta Trabalho de Conclusão de Curso  
ao meu filho – Bruno e ao meu marido – Zi,  
por todo o amor que tenho por eles...

## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer, primeiramente, ao meu filho, Bruno, que é a fonte de toda a força de vontade e o principal motivo para que eu finalizasse mais essa etapa.

Agradeço, também, ao meu marido, João Paulo, que me apoiou sem medir esforços, cuidando do nosso filho em todos os momentos em que eu tive de estar ausente. Ele sabe que sem ele, nada disso teria sido possível.

À minha mãe, querida amiga e parceira de todas as horas, que me cedeu sua casa, seu tempo e seu carinho neste período de estudos, tensão e preocupação. Te amo, mãe! Para sempre e até o infinito.

Ao meu pai, eu agradeço por toda a ajuda, desde o momento em que eu decidi cursar Publicidade na UFRGS, sempre me orientando e auxiliando no que fosse necessário. Meu alemão guerreiro.

Agradeço imensamente a minha orientadora, M<sup>a</sup> Berenice da Costa Machado, que conduziu da melhor forma possível (sim, nós usamos muitos adjetivos!) este trabalho, me dando muita liberdade e ao mesmo tempo, orientando para que eu pudesse alcançar meu objetivo. Minha admiração por ti é grande, como pessoa e como profissional.

A minha amiga, Karyme Reis, que por muitas noites foi minha companhia inseparável na produção desta monografia. Juntas varamos noites na biblioteca do Instituto de Psicologia. Com certeza, sem ela minhas noites não teriam a mesma graça.

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo principal a construção de um diálogo entre o Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles e o Nazismo. Entendemos que os conceitos utilizados na concepção do sistema proposto pelo filósofo grego, assim como as etapas estabelecidas são, congruentes à ideologia nazista e a acontecimentos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial na Alemanha. O estudo desenvolvido é de cunho teórico, tem como metodologia a revisão bibliográfica acerca dos temas Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles e Nazismo, bem como assuntos relacionados a estes: história da Segunda Guerra, a vida de Adolf Hitler, a propaganda nazista, argumentação na comunicação, utilização da persuasão no campo político, entre outros. Houve, também, pesquisa documental com o intuito de identificar filmes que possibilitassem a ilustração dos princípios nazistas destacados na monografia. A coleta de todas estas informações possibilitou, além da construção do diálogo proposto, a criação de uma hipótese acerca da inspiração nazista quanto ao seu método de organização e manipulação da sociedade. O estudo entende que o sistema nazista teve como inspiração a metodologia teatral proposta por Aristóteles, visto que ambos tinham como objetivo despertar o sentimento de empatia entre o “espectador” e o protagonista/Hitler, fazendo com que aquele sentisse, fizesse e/ou pensasse da mesma forma que este último. Além da relação entre seus objetivos, fica evidente a ligação quanto à utilização da argumentação para alcançá-los, aplicando diversas ferramentas de coerção na construção dos seus cenários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles, Nazismo e Propaganda

## **ABSTRACT**

The main goal of this monograph is the construction of a dialog between the Tragic Aristotle's Coercive System and the Nazism. We understand that the concepts used in the design of the system proposed by the Greek philosopher, as well as the established steps are congruent with the Nazi ideology and the events that occurred during the Second World War in Germany. This study has a theoretical approach, which applies a bibliographical review on the themes of Aristotle's Coercive System and Nazi, as well as the history of the World War II, the life of Adolf Hitler, The Nazi propaganda, the argumentation on communication, the use of persuasion in the political field, among other issues that are part of this important event on human history. There was also documental research in order to identify films that enabled the Nazi illustration of the principles outlined in the monograph. Collecting all this information enabled the construction of the proposed dialogue, and the creation of a hypothesis about the Nazi inspiration as to the method of organization and manipulation of society. The study finds that the Nazi system was inspired by theater methodology proposed by Aristotle, since both were intended to evoke the feeling of empathy between the "spectator" and the protagonist (Hitler), making a connection between them, on the way of feeling, doing and thinking. In addition to the link between its objectives, the connection is evident regarding the use of argumentation to reach them, applying several tools of coercion in building its scenarios.

**KEYWORDS:** Tragic Aristotle's Coercive System, Nazism and Propaganda.

## SUMÁRIO

### RESUMO

### ABSTRACT

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>2 SISTEMA TRÁGICO COERCITIVO DE ARISTÓTELES (STCA)</b> .....	14
2.1 CONCEITOS CONSTRUTIVOS.....	14
2.2 FINALIDADE DO STCA .....	18
<b>3 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A ORIGEM DO NAZISMO</b> .....	21
3.1 CONTEXTO PRÉ SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	21
3.2 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL .....	24
3.3 NAZISMO .....	25
3.3.1 A origem.....	25
3.3.2 Princípios da Ideologia .....	27
3.3.2.1 Arte Retórica .....	35
3.3.3 O Nazismo no poder .....	36
3.3.4 A propaganda nazista .....	41
3.3.4.1 Argumentação na comunicação nazista.....	43
3.3.4.2 Processo de adesão a uma opinião .....	50
3.3.5 O cenário da Tragédia nazista .....	52
<b>4 O SISTEMA TRÁGICO COERCITIVO DE ARISTÓTELES E O NAZISMO</b> .....	57
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	62
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	64



# 1 INTRODUÇÃO

Na Grécia antiga, um dos maiores filósofos da humanidade criou uma teoria sobre o teatro, cujo objetivo seria purificar a alma daqueles que assistem à peça, assim como a do protagonista da obra. Através de processos dramáticos e da provocação de fortes sentimentos, Aristóteles construiu uma proposta de arquitetura teatral capaz de imbuir o espectador de tal forma que ele adotasse para si os pensamentos e atitudes daquele que é visto no palco. Depois de mais de 2200 anos, o mesmo sistema foi utilizado por um dos maiores ditadores da história, Adolf Hitler. O Nazismo parece-nos “aprendiz” do sistema de Aristóteles, visto que muitos dos conceitos e a estrutura cronológica proposta pelo Sistema Trágico Coercitivo foram aplicados ao longo do governo Nazista, soberano entre os anos de 1933 e 1945, na Alemanha.

Esta monografia revisa os conceitos utilizados na criação do Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles, identifica as etapas do sistema trágico propostas pelo filósofo grego, para relacioná-los com os fatos ocorridos na Alemanha entre o final da Primeira Guerra Mundial e a Segunda Guerra Mundial; destacando a ideologia nazista imposta. Os conceitos utilizados por Aristóteles são conectados com os preceitos do Nazismo, como a superioridade ariana e o antissemitismo, entre outros. O estudo traz como problemática a seguinte questão: **Há semelhanças entre o discurso utilizado durante o nazismo e a metodologia teatral proposta por Aristóteles no STCA<sup>1</sup>? Hitler buscou no teatro grego elementos que o auxiliassem na conquista e na manutenção dos adeptos?** Com esta questão baseando o delineamento deste trabalho, o objetivo principal é construir um diálogo da argumentação na comunicação: o STCA e as técnicas utilizadas por Adolf Hitler e Joseph Goebbels na propaganda política nazista. Entre os objetivos, está relacionar as etapas do Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles, bem como os conceitos utilizados pelo filósofo na construção do mesmo e aproximá-los com os fatos ocorridos durante a Segunda Guerra Mundial, dentro da comunidade nazista. Além destes, busco identificar em discursos extraídos do filme “O Triunfo da Vontade” os pontos exaltados na ideologia nazista que possam ser utilizados na ratificação da relação entre o STCA e o Nazismo; e

---

<sup>1</sup> Neste trabalho será utilizada a sigla STCA para referir ao Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles.

identificar no filme “Educação para Morte”, cenas que auxiliem na exemplificação dos princípios defendidos pelo Nazismo.

A conexão dos temas se deu, em primeiro lugar, pelo meu desejo de pesquisar sobre a relação de poder estabelecida entre Hitler e a sociedade nazista durante a Segunda Guerra Mundial, sempre acompanhado do pensamento de envolver um segundo tema que auxiliasse na compreensão da situação estabelecida entre 1920 e 1945 na Alemanha. Através de pesquisas e conversas informais sobre o assunto, me fora dada a ideia básica desta monografia: relacionar o Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles e a imagem do líder nazista, Hitler. Contudo, ao revisar a literatura, percebi que havia muitas outras conexões possíveis a serem feitas, além da imagem de Hitler, e verifiquei nisso um tema interessante para a minha monografia. Ao perceber que o nazismo fora um espetáculo construído através de diversas ferramentas de comunicação, coerção, teatro e argumentação, a dialética a ser desenvolvida poderia agregar conhecimentos ao meio acadêmico quanto à construção de uma analogia. Buscar as origens de cada acontecimento histórico - principalmente os sociais, visto que são estes, em primeiro lugar, que constituem os legados de cada sociedade – significa, também, o desejo de vislumbrar uma possível formação teórica sobre a estrutura das ditaduras.

Para atingir os objetivos propostos, iniciamos esta monografia com a leitura do livro de Augusto Boal (2005), “Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas”, o qual é o único que trata especificamente sobre o STCA e os seus conceitos. Após destacar os pontos principais do sistema e compor algumas ligações básicas entre estes e o nazismo, partimos para a leitura de livros acerca do nazismo e da história da Alemanha, tendo autores como Paula Diehl (1996), João Ribeiro Junior (1991), Dennis Wepman (1987), entre outros, com o intuito de reunir dados sobre a história da Alemanha entre a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais. Fomos, então, juntando e organizando informações sobre a trajetória de Hitler até chegar ao poder e como ele se manteve por tantos anos, aumentando a sua influência e controle sobre a nação alemã. Identificamos quais foram os mecanismos de comunicação mais utilizados, quais eram seus significados e o poder de persuasão sobre os alemães. Em um segundo momento, julgamos necessária a apreciação de obras que tratassem dos aspectos que se destacaram nestas correlações já estabelecidas, como argumentação na comunicação, Arte Retórica e Arte

Poética de Aristóteles, conceitos e delimitações sobre a recepção de novas ideias por parte do espectador/indivíduo, conceitos de teatro, mecanismos de persuasão utilizados na política contemporânea. Ao final, pudemos relacionar com os utilizados durante o nazismo, entre outros. Para completar, assistimos: “O Triunfo da Vontade”, de Leni Riefenstahl (1934) e “Educação para a morte: a construção do nazista”, produzido pelos Estúdios Disney, em 1943. Os dois filmes ilustram bem a ideologia nazista, com imagens e discursos de Hitler. Por fim, buscamos cartazes da época da propaganda nazista para identificar argumentos de persuasão.

A possibilidade de um diálogo entre estes temas encontra fundamentação teórica em Wilson Gomes:

(...) considero que a metáfora das artes cênicas é muito rentável para descrever aquelas atividades da política, crescentes em volume e em importância, voltadas para administrar a opinião e a impressão públicas sobre os sujeitos e as posições políticas: o modo como os sujeitos políticos se apresentam publicamente, os meios empregados para dirigir e regular a impressão que o público faz a seu respeito, as coisas que podem fazer ou dizer, bem como aquelas que não podem ser feitas nem ditas enquanto estão diante do público (GOMES, 2004, p. 294).

Utilizamos os elementos dados acerca dos temas e articulei a sua união, definindo uma postura analítica, pois faço uma decomposição da realidade de seus “elementos, em cujo processo é possível descobrir como é feita e como subsiste.” (DEMO, 1990, p.119). Através das condições objetivas já existentes nos temas trabalhados, desenvolvi a monografia utilizando condições subjetivas<sup>2</sup> para conectar os temas, ou seja, dentre as estruturas impostas pelos acontecimentos e conceitos já estabelecidos, interpretei as informações coletadas de forma que fosse possível unificá-las em uma teoria, em um processo de diálogo com o objetivo de verificar a influência (consciente ou não) do STCA no nazismo. Encontrei na dialética a metodologia adequada para basear a minha monografia, visto que este processo privilegia estruturas da dinâmica política, ou seja, vai de encontro ao “(...) enquadramento fechado da

---

<sup>2</sup> Segundo Pedro Demo (1990), condições subjetivas “(...) significam o espaço da criação humana histórica, aquilo que o ator social pode fazer, dentro do dado. (...) ou, falando metodologicamente, o homem, diante da realidade, não apenas lê, analisa, decifra, mas sobretudo interpreta.” (DEMO, 1990, p.120)

realidade histórica em estruturas frias e em esquemas intocáveis de tratamento científico” (DEMO, 1990, p.116).

Após esta Introdução (capítulo 1), organizamos o texto em três capítulos: o segundo aborda os conceitos construtivos do Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles, explanando quais deles encontramos na sua origem, como o de Tragédia, que é o principal, e o de ser superior, que é muito importante na dialética estabelecida entre o Nazismo e o STCA. As etapas determinadas pelo filósofo são elucidadas, para que o leitor possa entender a importância de todas no processo, visto que as especificidades de cada uma são como um pré-requisito para que a próxima aconteça. Neste capítulo, temos como subsídio autores como Augusto Boal (2005), Aristóteles (s/d) e Wilson Gomes (2004).

No terceiro capítulo, montamos o cenário social-econômico da Alemanha antes da Primeira Guerra Mundial, buscando a compreensão quanto aos motivos pelos quais os princípios nazistas já existiam ou viriam a existir. Os acontecimentos que antecederam a Segunda Guerra, como o aumento acelerado da inflação, são repassados a fim de identificarmos qual fora o palco no qual o nazismo surgiu. Autores como Dennis Wepman (1987) e H. W. Koch (1973) constituem a base bibliográfica deste contexto. Os mecanismos de persuasão utilizados por Hitler são peça fundamental neste trabalho, visto que nisto encontramos o ponto que mais se liga ao teatro – a persuasão. A comunicação de massa desenvolvida durante o III Reich se caracterizou por espetáculos que enalteciam o país alemão e o seu povo, priorizando o exagero quanto aos discursos feitos pelos ministros do governo nazista, principalmente pelo seu maior representante, Adolf Hitler. Características marcantes desta personalidade se assemelham à *performance* que se constata em um palco durante uma peça de teatro, e são estas as características que encontrei no texto de Paula Diehl (1996) e em João Ribeiro Junior (1991). Outro ponto destacado nesta etapa é a utilização de conteúdo acerca da definição e utilização da argumentação na comunicação, principalmente na comunicação política. Wilson Gomes (2004) estabelece um diálogo entre a retórica e a política, tema que norteia este estudo quanto à influência da comunicação na conquista do poder, seja no campo político, seja no poder de obter a empatia dos espectadores.

No último capítulo (4), enfim, dialogamos com o STCA e o nazismo, objetivo desta monografia. Entendemos que os conceitos construtivos do sistema se conectam com pessoas, fatos e sentimentos da Segunda Guerra Mundial e encontramos no cerne do povo alemão nazista certas características dos personagens das tragédias gregas. Assim como os conceitos, as etapas aplicadas por Aristóteles são relacionadas aos principais acontecimentos pré e durante o nazismo, tendo como objetivo inferir qual seria, na história da Alemanha, a sua *catarse*.

## 2 SISTEMA TRÁGICO COERCITIVO DE ARISTÓTELES (STCA)

O presente capítulo irá discorrer acerca de todos os conceitos utilizados por Aristóteles na construção do STCA, que são de extrema importância para que se tenha a compreensão total de como se dá a Tragédia e o alcance do objetivo da mesma, a *catarse*. Buscaremos seu objetivo e as etapas propostas pelo filósofo para alcançá-lo.

### 2.1 CONCEITOS CONSTRUTIVOS

O Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles trabalha com a construção de um “roteiro” a ser seguido em uma peça dramática, propondo uma estrutura de quatro etapas (empatia, peripécia, catástrofe e *catarse*). O sistema possui diversos conceitos que são intrínsecos ao processo e necessários para a compreensão do “roteiro”.

Todos os conceitos se inter-relacionam; definiremos cada um deles. A base conceitual do sistema está na poética e na retórica de Aristóteles, o autor Wilson Gomes nos auxilia a justificar o que tratamos neste capítulo:

(...) a *ars poetica* é uma destreza teoricamente orientada que tem como termo ou objeto a representação e como propósito a produção de uma emoção ou ânimo daquele a que se destina a apresentação. O objeto resultante da aplicação desta destreza, a *poesia* em seu sentido grego, é a **representação de ações humanas** [grifo meu]. A rigor, há dois modos diferentes de representação: a narração ficcional de ações e a ficção teatral, a representação “dramática” por meio de atores, por meio de *encenação* (GOMES, 2004, p. 295).

Para esclarecer, o modo de representação aqui será o da ficção teatral, com representação dramática. Como passo inicial, adotaremos duas afirmações básicas acerca do termo Tragédia para Aristóteles. A primeira, mais simples é “A Tragédia imita as ações humanas”, como consta em Boal (2005). A segunda, apresenta-se mais complexa:

“A tragédia é a imitação de uma ação importante e completa, de certa extensão; (...) ação apresentada, não com a ajuda de uma narrativa, mas por atores, e que, suscitando a compaixão e o terror, tem por efeito obter a purgação dessas emoções” (ARISTÓTELES, s/d, p.248).

Para Aristóteles (Boal, 2005), a alma do homem se compunha de uma parte racional e outra irracional. A alma irracional poderia produzir certas atividades como comer, andar, mover-se, sem que esses atos tivessem maior significado. A Tragédia, porém, deveria imitar tão-somente as ações determinadas pela alma racional, que se divide em três partes:

- a) **Faculdades:** é tudo aquilo que o homem é capaz de fazer, ainda que não o faça. O homem, ainda que não ame, é capaz de amar. Ainda que seja covarde, é capaz de demonstrar coragem.
- b) **Paixões:** ainda que o homem possua todas as faculdades, apenas algumas chegam a se realizar: estas são as paixões. O amor é uma paixão desde que seja exercido como tal. Enquanto seja simples possibilidade, será simples “faculdade” e não “paixão”.
- c) **Hábitos:** nem todas as paixões servem de matéria para a tragédia, é necessário que esta paixão seja constante no indivíduo. Isto é: por sua incidência deve ter-se convertido em um hábito. Assim, podemos afirmar que, para Aristóteles, a tragédia deveria imitar apenas os “hábitos” da “alma racional” do homem. Portanto, ficam excluídas todas as atividades puramente animais e também as faculdades e as paixões que não tenham se convertido em hábito. Ou seja, os acidentes.

Mas com que fim se exerce uma paixão? Ou um hábito? Cada parte do homem possui sua finalidade: a mão agarra, a boca come, o cérebro pensa, etc. Porém, na sua totalidade, qual a finalidade do homem? Para Aristóteles,

(...) o bem é o fim de todas as ações do homem. (...) Cada ação humana tem, portanto, uma finalidade limitada a essa ação, enquanto todas as ações em seu conjunto têm como finalidade o bem supremo do homem. E qual é o bem supremo do homem? Diz Aristóteles: é a felicidade (BOAL, 2005).

Existem três tipos de felicidade: a dos prazeres materiais, a da glória e a da virtude. A primeira consiste em prazeres básicos como comer bem, possuir bens materiais, etc., sendo, então, um nível baixíssimo de felicidade. Já a felicidade de glória baseia-se em ter o reconhecimento alheio de suas atitudes, ter prazer através do julgamento de outrem. Contudo, para se alcançar a felicidade plena é preciso que se tenha atitudes virtuosas, e isso basta para

aquele que as tem. Este sim é o tipo de felicidade que devemos levar em consideração. Porém, para conseguirmos entender o que isto significa, precisamos saber o que é virtude de fato. Augusto Boal afirma que a “virtude é o comportamento mais distante dos extremos de comportamento possíveis em uma situação dada.” (BOAL, p.52). Ou seja, encontramos a virtude naquele que age de forma equilibrada, não exagerando para nenhum lado em uma situação. O autor ainda cita um exemplo: “Tanto a ausência do exercício físico como o exercício demasiado violento arruinam o corpo: o exercício físico moderado é o comportamento virtuoso.” (BOAL, p.53).

Há quatro características e necessárias à virtude: a voluntariedade, que exclui o acidente das atitudes do homem, ou seja, caso o indivíduo aja de forma virtuosa acidentalmente, esta pessoa não pode ser considerada virtuosa. Outra característica é a liberdade, que nada mais é do que o indivíduo agir por livre e espontânea vontade. O conhecimento caracteriza a virtude, pois aquele que pratica a virtude sabe que a está praticando, porém o que o faz sem saber não é virtuoso. A última característica é a constância, para que uma atitude seja considerada virtuosa ela deve ter uma constância, pois as virtudes são hábitos e não paixões. O autor ainda declara que não nascemos com a virtude, é necessário aprendê-la.

A Natureza, segundo Aristóteles, nos dá faculdade e nós temos o poder de transformá-las em atos (paixões) e em hábitos. Assim, concretizamos que a virtude é o comportamento em que não se verifica excesso nem carência, enquanto o vício é o comportamento extremo. Cada arte e cada ciência possui sua própria virtude, pois tem seu próprio fim, seu próprio bem. Sendo a política a arte soberana, então o maior bem, cuja obtenção será a maior virtude, é o bem político, ou seja, a justiça.

O conceito de justiça, na visão de Aristóteles, é simples: “o justo é o igual e o injusto o desigual” (BOAL, 2005, p.59). Contudo, a questão está em definirmos o que é desigual. Para que tenhamos uma resposta, o filósofo questiona de onde devemos partir, se de princípios abstratos e descer até a realidade concreta ou da realidade concreta e subir aos princípios? Ele mesmo responde que devemos partir da realidade concreta, devemos analisar empiricamente quais são as desigualdades já existentes e partir disto definirmos o que é justo ou não. Assim sendo, Aristóteles aceita como justas as desigualdades já existentes e acredita que a justiça estaria contida na realidade



tal qual ela é. Ao partir da sua realidade “democrática” ateniense, ele afirma que há uma realidade empírica política baseada na liberdade, porém nem todas as sociedades se baseiam neste valor ou apenas nele: nas oligarquias, por exemplo, o valor supremo é a riqueza. Contudo, Aristóteles não aceitava que as desigualdades fossem modificadas, pois elas já eram empiricamente constatáveis. Com isso, podemos chegar à conclusão de que a justiça não é a igualdade, mas sim, a proporcionalidade, e os critérios utilizados na definição das desigualdades são estipulados pelos sistemas políticos vigentes em cada cidade ou país. Na visão de Aristóteles, afirma Augusto Boal, em cada sistema político, os critérios de desigualdade são estabelecidos pelas leis.

E como se estabelecem os critérios de desigualdade para que todos os conheçam? Através das leis! E quem fabrica essas leis? [...] Para que se façam as leis superiores é necessário que sejam feitas por seres superiores: os homens livres, ricos, etc. [...] A Constituição sistematiza o conjunto de leis de uma cidade ou país. A Constituição, portanto, é a expressão do bem político, que é a expressão máxima da Justiça. (BOAL, 2005, p.61).

Com os conceitos anteriores é possível chegar à definição de Aristóteles para o termo Tragédia:

A Tragédia imita as ações da alma racional do homem, suas paixões tornadas em hábitos, em busca da felicidade, que consiste no comportamento virtuoso, que é aquele que se afasta dos extremos possíveis em cada situação dada concreta, cujo bem supremo é a justiça, cuja expressão máxima é a Constituição (BOAL, 2005, p.62).

Ou seja, a felicidade consiste em obedecer às leis. Para aqueles que não aceitam as desigualdades estabelecidas, o filósofo advertia: “às vezes a guerra é necessária...”, afirma Augusto Boal (2005).

A finalidade suprema da Tragédia é a de provocar a *catarse*, afirma o autor. Para que possamos entender bem este conceito, utilizo uma frase do livro de Boal, que é:

A natureza tem certos fins em vista; quando fracassa e não consegue atingir seus objetivos, intervém a arte e a ciência. O homem, como parte da natureza, tem certos fins em vista: a saúde, a vida gregária no Estado, a felicidade, a virtude, a justiça, etc. Quando falha na consecução desses objetivos, intervém a arte da Tragédia. Esta correção das ações do homem, do cidadão, chama-se “catarse” (BOAL, 2005, p.65).

Segundo Samuel Henry Butcher, o filósofo Hipócrates afirma que “*catarse* significa a remoção de um elemento doloroso ou perturbador do organismo, purificando o que permanece, finalmente, livre da matéria estranha eliminada.” (BUTCHER, *apud* BOAL, 2005, p.32). Para Jacob Bernays (*apud* BOAL, 2005), os sentimentos estimulados pela peça trágica não são expurgados por completo, mesmo que possa tranquilizar o espectador por algum tempo. Ele afirma que o teatro oferece uma descarga agradável de emoções, para os instintos que necessitam de satisfação e na ficção do teatro possuem espaço para serem tolerados, coisa que na vida real não seriam. Este elemento perturbador ou doloroso como Hipócrates definiu a *catarse*, também chamado de impureza por Aristóteles, facilita a conexão com o conceito de *harmatia*, importante para a ligação entre o sistema de Aristóteles e o nazismo, pois significa uma falha trágica, uma impureza da personagem. A *harmatia*, portanto, é a única coisa que pode e deve ser destruída, para que a personagem volte ao seu equilíbrio.

Outra definição importante é empatia, visto que é este sentimento que conecta dois extremos. A empatia é uma relação emocional que se estabelece entre duas pessoas em função de uma sensação, podendo ser o amor, o ódio, a piedade, o medo, a ternura, o desejo sexual, etc. Como afirma o Boal (2005), no caso do teatro, a empatia opera sobre o que o personagem faz, à sua ação, ao seu *ethos*<sup>3</sup>.

## 2.2 FINALIDADE DO STCA

O espetáculo trágico, como posto anteriormente, visa à Tragédia e à *catarse*. Para construir este espetáculo, Aristóteles propôs uma linha de raciocínio: apresenta-se o protagonista ao público, este estabelece uma forma de empatia com o protagonista (BOAL, 2005). Inicia-se a peça teatral, na qual se apresenta uma *harmatia*, ou seja, uma falha do personagem e, surpreendentemente, mostra-se que por causa desta falha o personagem alcança a felicidade que ostenta. Através da empatia, a mesma *harmatia* que o

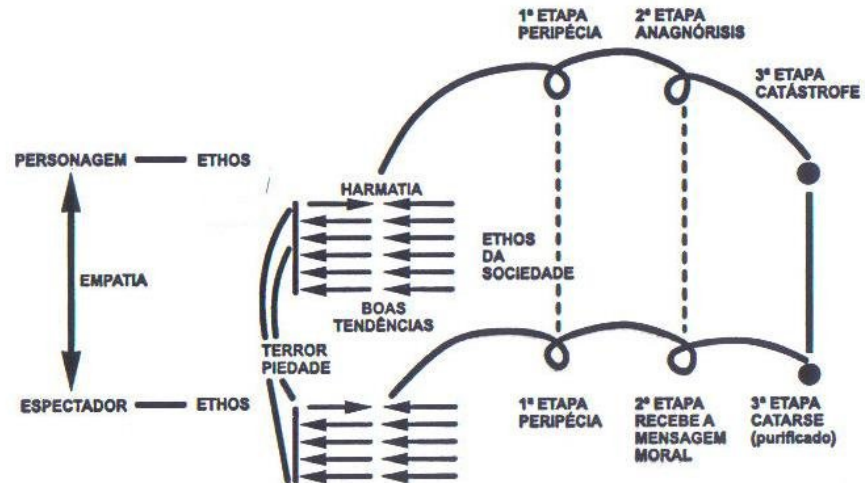
---

<sup>3</sup> ETHOS para Aristóteles é o ato em si, define a palavra como o conjunto e faculdades, hábitos e paixões. (BOAL, p.74)

protagonista possui é ativada e estimulada no espectador. Contudo, bruscamente acontece uma peripécia, que muda completamente o destino do personagem. O personagem que com sua *harmatia* havia subido tão alto, corre o risco de cair destas alturas. Ao mesmo tempo, afirma Boal (2005) o espectador começa a sentir o terror que o personagem sente, afinal ele estava sendo estimulado da mesma forma, com a mesma falha trágica.

A peripécia que sofre o ator se reproduz igualmente no espectador. Neste momento da peça, o espectador pode abandonar sua atenção, diminuindo a empatia. Para contornar esta possibilidade, Aristóteles sugere o que chama de *anagnorisis*, isto é, a explicação dessa falha, o reconhecimento do erro e a aceitação deste, na tentativa de que, empaticamente, o espectador também reconheça como má a sua *harmatia*, afinal, o melhor reconhecimento é aquele que se apresenta após uma peripécia, pois a união destes dois fatores, como afirma Aristóteles, excita compaixão ou terror, sendo precisamente nestes atos capazes de os excitarem que consiste a imitação, objeto da Tragédia. Por fim, para que o espectador tenha em mente as horríveis consequências de cometer o erro, ocorre a catástrofe, ou seja, um péssimo final, não sendo necessariamente a morte do protagonista, mas apenas um destino ruim para aquele que gozava de felicidade no início da peça.

Estes três elementos – peripécia, *anagnorisis* e catástrofe - têm por finalidade provocar no espectador, muitas vezes mais do que no próprio personagem, a *catarse*, ou seja, a purificação da *harmatia*, através de três etapas representadas a seguir:



Fonte: "Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas", BOAL, 2005, p.79

Através deste gráfico podemos compreender a sequência de fatos proposta por Aristóteles, o que facilita o entendimento do diálogo que será estabelecido posteriormente entre o STCA e o Nazismo.

### 3 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL E A ORIGEM DO NAZISMO

Este capítulo contextualiza a Alemanha no âmbito sócio-econômico, antes e durante a Segunda Guerra Mundial, para que se conheça o cenário berço do nazismo. Buscamos, também, a trajetória de Hitler até o poder e os instrumentos de comunicação utilizados por ele e seu grupo para conquistá-lo e mantê-lo.

#### 3.1 CONTEXTO PRÉ SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Para que se tenha o entendimento da trajetória da Alemanha rumo à Segunda Guerra Mundial, conseqüentemente, rumo ao nazismo, se faz necessária a contextualização política, social e econômica deste país.

Anterior à Primeira Guerra Mundial, a Alemanha encontrava-se em destaque, visto que havia sido o primeiro Estado industrial da Europa, dentro do reinado de Guilherme II (RIBEIRO JUNIOR, 1987). Além do crescimento econômico, a produção cultural e científica do país germânico estava em grande ascensão, avivando o sentimento de superioridade nacional, que se desenvolveria até constituir o fundamento da tese pangermânica (esta será abordada no item 3.3.2).

Mesmo com o crescimento, se comparada aos outros países europeus, a Alemanha ainda estava atrasada quanto ao seu sistema capitalista, portanto, aristocratas, militares e grande parte da população defendiam que uma guerra seria a chance para avanços territoriais, tendo assim a oportunidade de compensar o atraso quanto ao capitalismo (DIEHL, 1996).

Na imprensa, a entrada do país em uma guerra se justificaria com o argumento de que a Alemanha estaria apoiando a Áustria e defendendo-se de ataques externos. Em 31 de julho de 1914, a Alemanha declara-se em guerra, após a ofensiva da Rússia contra a Áustria. Contudo, a partir de 1916 uma crise econômica abala as estruturas do país e surgem manifestações contra a má divisão dos produtos e contra a miséria, que se agravam com o inverno de 1917. Com a entrada dos EUA na guerra ao lado da Inglaterra, no início de 1917, as esperanças de vitória da Alemanha caem drasticamente. Concomitantemente, o apoio dos militares e o entusiasmo nacionalista

despencam. Em 7 de novembro deste mesmo ano, o governo alemão se rende (WEPMAN, 1987).

O imperador Guilherme II já se encontrava sem o controle absoluto da nação, visto que diversas greves e rebeliões eclodiram ao longo do declive econômico e social da Alemanha, principalmente com a criação da Liga Spartakus, que lutava contra a monarquia e objetivava um Estado nos moldes da Revolução Soviética. No dia 9 de novembro de 1918, Guilherme II abdica do poder. Inicia-se, então, uma luta entre as esquerdas pela conquista do Estado.

Enquanto um grupo social-democrata, liderado por Friedrich Ebert e Philipp Scheidemann, se reunia no parlamento, a Liga Spartakus pretendia fazer da Alemanha uma república nos moldes soviéticos, contudo, Scheidemann, ao saber desta intenção, antecipa-se e proclama a República Alemã (DIEHL, 1996). Poucas horas depois, os Spartakistas proclamam a República Socialista Livre da Alemanha, fazendo com que os berlinenses não tivessem certeza a qual república a Alemanha pertencia.

Rapidamente, os social-democratas formam um governo provisório de seis membros e mudam sua sede para Weimar, contando com o apoio dos conservadores e monarquistas. Os Spartakistas rejeitam qualquer possibilidade de divisão de poder e, com isso, iniciam diversos combates entre os social-democratas e os integrantes do Partido Socialista Livre da Alemanha. Ao erguer um acordo com militares, Ebert conta com uma força a mais na disputa pelo Estado e, no início de 1919, os líderes da Liga Spartakus são assassinados, pondo fim a este duelo.

Ao final da I Guerra Mundial, a Alemanha estava enfraquecida, sofrendo com uma catástrofe demográfica e econômica. O Tratado de Versalhes fez com que a Alemanha perdesse cerca de 13,5% de seu território nacional, seu potencial econômico e quase 10% da sua população, segundo Ribeiro Junior. Este tratado fez emergir um nacionalismo agressivo, baseado na sobrevivência dos mais aptos.

No dia 19 de janeiro de 1919, são convocadas eleições para a Assembleia Constituinte, nas quais mais de 30 milhões de alemães comparecem, elegendo a Liga Weimar para governar a Alemanha. Em junho do mesmo ano, a Constituição é aprovada e promulgada pelo então presidente, Friedrich Ebert. Nela continha a cláusula que, mais tarde, daria os instrumentos legais para os nazistas chegarem ao poder: “em caso de crise ou ausência da

maioria parlamentar, o Parlamento poderia vir a ser dissolvido pelo presidente, que escolheria um novo chanceler.” (DIEHL, 1996, p.29). Todavia, inúmeros projetos do Governo de Weimar não saíram do papel, ocasionando uma insatisfação geral por parte da sociedade, com isso o nacionalismo e o chauvinismo alemão crescem como resposta ao Tratado de Versalhes, pois além de aumentar as tendências direitistas, as cláusulas deste tratado contribuíram para a expansão do sentimento antisemita, pois os nacionalistas viam no tratado um avanço franco-judaico sobre a Alemanha (DIEHL, 1996).

Como afirma Paula Diehl (1996), as distintas falhas do Governo Weimar motivam o crescimento da força direitista, suscitando muitas tentativas de tomada de poder, como o *Putsch* de Kapp, em 1920, e o *Putsch* de Munique, em 1923, no qual Hitler saiu do anonimato perante a sociedade. Nas eleições para presidente de 1932, quando Hitler fora lançado como candidato a presidência, o marechal Hidenburg é reeleito (RIBEIRO JUNIOR, 1987). Contudo, ele não conta com a maioria no parlamento, devido às falhas daquele governo. Nas eleições para a Assembléia Constituinte tem-se o resultado a seguir: os social-democratas perdem 3% dos votos em relação a 1930, os comunistas ganham mais de 1% e os nazistas passam de 18% para 37,3%, obtendo a maioria no Parlamento. O aristocrata Franz von Papen é nomeado chanceler por Hidenburg, o que beneficia Hitler, visto que mantinham relação de apoio mútuo. Por influência dos *Junkers* (oficiais nobres agrários, conservadores e nacionalistas), segundo João Ribeiro Junior (1991), Hidenburg substitui von Papen por Kurt von Schleicher, após apenas seis meses. Mas, ao empreender esforços com um programa de reformas sociais, Schleicher atrai oposições, tanto com os camponeses, como com os grandes proprietários, que se opunham ao programa de reforma agrária. De imediato, o ex-chanceler von Papen começa uma conspiração nos bastidores com grupos políticos e econômicos de direita para depor Schleicher,

(...) e conseguem-no sob a acusação de que o chanceler estava em conluio com os comunistas, que pretendiam dar um golpe de Estado. Assim, a 30 de janeiro de 1933, Hidenburg nomeou Hitler chanceler do *Reich*, em substituição a Schleicher, (...) senão graças a um pacto secreto com von Papen e políticos conservadores, crentes que Hitler lhes seria submisso, (...) Um grande erro político, pois uma vez assumido o cargo, Hitler demonstrou que não aceitaria qualquer interferência (RIBEIRO JUNIOR, 1987, p.38).

Apesar de favorecer a burguesia nacional, Hitler em nenhum momento curvou-se às suas exigências, subjugando-as em nome do Estado Totalitário (DIEHL, 1996). Para comemorar a tomada de posse do *Führer*, é organizado um desfile da SA<sup>4</sup>, aglomerando, assim, milhares de pessoas sob o Portão de Brandemburgo, indicativo do perfil populista e teatral de Hitler.

### 3.2 SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Vários fatores influenciaram o início da Segunda Guerra Mundial na Europa e, rapidamente, espalhando-se pela África e Ásia. Um dos mais importantes foi o surgimento, na década de 1930, de governos totalitários com fortes objetivos militaristas e expansionistas. Na Alemanha, como já foi visto, surgiu o nazismo, liderado por Hitler que pretendia expandir o território Alemão, desrespeitando o Tratado de Versalhes, inclusive reconquistando territórios perdidos na Primeira Guerra. Na Itália crescia o Partido Fascista, liderado por Benito Mussolini, que se tornou o *Duce* da Itália, com poder sem limites. Os dois sistemas totalitários compartilhavam origens similares, segundo João Ribeiro Junior, que afirma que nos dois países existia:

(...) um regime democrático instável, ineficaz e sem autoridade; poderosos partidos de esquerda, especialmente o comunista; grupos que realizavam plenamente a destruição da razão, através de um nacionalismo hipertrofiado, que se esteia sobre as glórias do passado remoto; desenvolvimento de uma grave crise econômica; e cristalização, na pessoa de um chefe (*Duce/Fuhrer*) dos sentimentos nacionais e pessoais (RIBEIRO JUNIOR, 1987, p. 9).

Visto que a Itália e a Alemanha passavam por uma grave crise econômica no início da década de 1930, com milhões de cidadãos sem emprego, uma das soluções tomadas pelos governos totalitários destes países foi a industrialização, principalmente na criação de indústrias de armamentos e equipamentos bélicos (aviões de guerra, navios, tanques, etc). Na Ásia, o Japão também possuía fortes desejos de expandir seus domínios para territórios vizinhos e ilhas da região. Estes três países, com objetivos

---

<sup>4</sup> A SA foi fundada em 1921 por Adolf Hitler. Conhecida como "Tropa de Assalto", a SA era a milícia paramilitar nazista durante o período em que o Nacional-Socialismo exerceu o poder na Alemanha. Era vista por Hitler como uma tropa de pressão política. (WEPMAN, 1987)



expansionistas, uniram-se e formaram o Eixo. Fora erguido um acordo com fortes características militares e com planos de conquistas elaborados em consenso.

O marco inicial ocorreu no ano de 1939, quando o exército alemão invadiu a Polônia. De imediato, a França e a Inglaterra declararam guerra à Alemanha. De acordo com a política de alianças militares existentes na época, formaram-se dois grupos: Aliados (liderados por Inglaterra, URSS, França e Estados Unidos) e Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

### 3.3 NAZISMO

O Nazismo, abreviação do nome do Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães - *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterparte* – foi a ideologia dominante na Alemanha durante a Segunda Guerra Mundial. Criado em 1918, com o nome de Comitê livre para uma paz dos trabalhadores alemães, o partido foi ser rebatizado em 1920, quando Adolf Hitler já havia sido incorporado ao partido. Os princípios defendidos pelo Nacional-Socialismo minaram a mente da sociedade alemã, conquistando multidões e obtendo muitos voluntários para lutar pelo seu país, que se encontrava em crise. Além de fomentar os ideais de restabelecimento econômico e social da Alemanha, que foram prejudicados após a Primeira Guerra Mundial, o nazismo instigou o antissemitismo, a superioridade ariana, o pangermanismo, o anticomunismo, entre outros aspectos que fizeram surgir na sociedade alemã uma atmosfera de luta pela raça e pelo país ariano.

#### 3.3.1 A origem

Ao ser derrotada na Primeira Guerra Mundial, a Alemanha foi obrigada pelos Aliados a assinar o Tratado de Versalhes, cujo objetivo aparente seria um tratado de paz. Porém, este determinava que a Alemanha aceitasse todas as responsabilidades por causar a guerra, fator de enorme humilhação para a nação alemã, como afirma Wepman (1987). Algumas outras exigências impostas foram: a devolução dos territórios da Alsácia-Lorena à França, devolução à Polônia das províncias de Posen e Prússia Ocidental, pagamento

aos países vencedores, principalmente França e Inglaterra, de uma indenização pelos prejuízos causados durante a guerra, cujo valor foi estabelecido em 269 bilhões de marcos.

Essa dureza era deliberada. Os Aliados não confiavam na Alemanha e, por isso, numa tentativa de impedir o ressurgimento do poder alemão, mantendo a nação despedaçada em um estado de debilidade que não lhe permitisse empreender uma nova guerra, haviam procurado privá-la de seus recursos naturais e mantê-la dividida (WEPMAN,1987, p. 27).

Além da humilhação causada pelo Tratado de Versalhes, a indenização absurda enterrou de vez a economia alemã, já abalada pela guerra, desencadeando um processo inflacionário que crescia a cada mês. As fortes imposições à Alemanha fizeram nascer um sentimento de revanchismo e revolta entre a população. É oportuno recorrer a Aristóteles e lembrar que quando os acontecimentos são contrários às expectativas e diante do imprevisto e do pesar, o natural é gerar a cólera.

As décadas de 1920 e 1930 foram marcadas por forte crise moral e econômica na Alemanha (inflação, desemprego, desvalorização do marco). Terreno fértil para o surgimento e crescimento do nazismo que levaria a Alemanha para outro conflito armado, a Segunda Guerra Mundial.

Segundo Paula Diehl (1996), após a criação da República de Weimar, as poucas formações remanescentes do Exército que havia lutado na Primeira Guerra Mundial assumiram a responsabilidade pela manutenção da paz e pelo aniquilamento de qualquer movimento revolucionário. Hitler, com seu ódio pelos estrangeiros e pelo comunismo, se mostrou o candidato ideal para se tornar um dos espiões, afirma Dennis Wepman (1987). Eles teriam que se infiltrar em reuniões de grupos de esquerda, com trajes civis, e anotar todas as informações que lhes parecessem ameaçadora. Além da espionagem, Hitler tinha como trabalho promover o nacionalismo e desencorajar o socialismo entre os soldados, através de reuniões e palestras sobre os objetivos do governo.

No dia 12 de novembro de 1919, Hitler foi designado para investigar um grupo político que se autodenominava “Partido dos Trabalhadores Alemães” (DAP), afinal, para o Estado, “Havia suspeitas de que um partido com a palavra ‘trabalhadores’ em sua denominação tinha que ser de inspiração comunista.”

(RIBEIRO JUNIOR, 1987, p. 22). Nem o governo, e muito menos Hitler acreditavam que esta seria considerada uma reunião importante. O partido havia sido fundado no início daquele ano por um ferramenteiro chamado Anton Drexler e possuía poucos adeptos. Porém, os princípios do partido iam ao encontro dos pensamentos de Hitler, como ele pôde constatar na primeira noite de sua investigação:

(...) os alemães eram uma raça superior destinada a dirigir o mundo; os judeus e os comunistas ameaçavam a pureza dessa raça e, portanto, algo deveria ser feito a esse respeito. Falavam em 'libertar' os trabalhadores do marxismo e impedi-los de desenvolver uma perspectiva internacional (WEPMAN, 1987, p. 23).

Quando Hitler ouviu um dos membros pregando a necessidade de a Baviera declarar-se independente e separar-se da Alemanha, decidiu discutir o assunto, pois acreditava que somente com a união dos povos germânicos da Europa a raça ariana poderia dominar a terra. Naquela noite, com seu discurso articulado, Hitler impressionou os membros do partido, principalmente o presidente, Anton Drexler, que ao término da reunião, o chamou para participar da próxima reunião. Não demorou para que Drexler percebesse que havia encontrado algo de muito valioso, um orador de origem popular com um poder hipnótico sem igual, e convidou Hitler para que fizesse parte do partido. Dessa forma, iniciava-se a saga de Hitler na conquista da Alemanha. Com sua hábil oratória e com sua sensibilidade de demagogo amadurecido, Hitler é nomeado o propagandista do partido. Em novembro de 1919, o DAP dá início a uma série de comícios, com temas como a “humilhação pós-guerra”, o antissemitismo e o nacionalismo (DIEHL, 1996). Em 20 de fevereiro de 1920, o nome do partido é mudado para “Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores” (NSDAP), e um ano e meio após a mudança, Hitler alcança a presidência. A SA tem origem neste mesmo ano, quando se inicia a formação de grupos de luta de rua, para combaterem os comunistas, reforçando o caráter paramilitar do NSDAP.

### 3.3.2 Princípios da Ideologia

Para a compreensão de ideologia, consideraremos a ideia de Marx, na qual ele afirma que este conceito envolve as representações que uma classe

social faz de si mesmo em relação às classes opostas na estrutura global da sociedade (MARX *apud* FONSECA, 2007). É através destas representações ideológicas que uma classe social estabelece suas diretrizes e imagina seu futuro dentro de uma sociedade já constituída, determinando suas atitudes para conquistar seu espaço e alcançar seus objetivos, demonstrando, assim, uma relação inerente entre o comportamento de um grupo e as representações coletivas, que “teriam a função de reconstituir e perpetuar crenças necessárias ao consenso social” (FONSECA, 2007, p.170).

A ideologia nazista era formada por diversos pontos, os quais constituíam a base perfeita para o sentimentalismo exacerbado quanto ao país de origem e à população. Através do partido Nacional-Socialista, ergueu-se uma plataforma de ação que objetivava construir um Estado baseado na confiança, honra, disciplina, ordem e dedicação, “e que deveria conter, além do velho sonho de uma unidade harmoniosa, também a ideia não menos sugestiva de uma nação poderosa e temida.” (RIBEIRO JUNIOR, 1987, p.23).

Destacaremos, a seguir, dez pontos que consideramos importantes dentre os 25 que foram apresentados por João Ribeiro Junior (1991) do Programa Político do Partido Nacional-Socialista.

- Abolição do Tratado de Versalhes;
- Definição de cidadão: só quem for de sangue alemão;
- Exclusão dos judeus da comunidade alemã;
- Quem não for cidadão poderá ser expulso no caso de o Estado não estar em condições de assegurar alimento à comunidade alemã;
- Os cargos públicos estão reservados aos cidadãos;
- Fortalecimento da classe média;
- Substituição do direito romano por um direito alemão;
- Reforma da escola no sentido nacionalista;
- Criação de uma forte autoridade central do *Reich*.

Com o intuito de diminuir as lutas de classe, Hitler propõe a reincorporação do operariado alemão à nação alemã (DIEHL, 1996), não sendo permitido levar em consideração os sacrifícios econômicos que esta mudança acarretaria, pelo menos até o ponto em que ela não interferisse na conservação e independência da economia nacional. Esta proposta difusa

permite ao NSDAP trabalhar as diferenças sociais de uma forma que as dissolva e apazigúe a noção de luta entre as classes. Este mesmo sentimento – dissolução das diferenças de classe – era identificado na Juventude Hitlerista, assim como nas SA e nas SS<sup>5</sup>, pois nelas “(...) trabalhadores e empregadores marchavam sob a mesma bandeira, usando o mesmo uniforme e visando o mesmo objetivo.” (KOCH, 1973, p.83). Em um discurso de Hitler, documentado no filme “O Triunfo da Vontade”, durante o serviço de revista do trabalho do Reich, no ano de 1934, temos, nas palavras do *Führer*, a aplicação desta ideia:

Vocês representam o grande ideal, e sabemos disso por milhões de nossos compatriotas que o conceito de trabalho não mais será um conceito de divisão, mas sim de união, e que não mais haverá alguém na Alemanha, que olhará o trabalho do campo como menos importante do que qualquer outro (HITLER, 1934).

O sistema educacional passou a fomentar certo tipo de igualitarismo, no qual a riqueza não seria fator de oportunidade (KOCH, 1973). Identificamos essa igualdade de classe inclusive quanto à diferença de gêneros, pois tanto meninos quanto meninas eram introduzidos em uma experiência coletiva, durante a qual a individualidade não tinha espaço e, a cada atividade, eles se unificavam como camaradas. Com esta combinação – elevação das grandes massas e manutenção da economia nacional – o nazismo conseguiu agradar aos conservadores, que temiam mudanças muito drásticas e, também, os esquerdistas, que viam na expressão “elevação social” a possibilidade de mudança da estrutura social. Através desta política de inclusão “(...) ambos os grupos são incorporados num todo homogêneo definido pela expressão ‘nação alemã’ sem que objetivos concretos sejam definidos.” (DIEHL, 1996). Este objetivo traçado por Hitler é “o lugar principal da realização da qualidade política”, segundo Demo (1990), pois encontramos a capacidade de conter a desigualdade social em sentido democrático. Esta seria a “maior e melhor obra de arte” (DEMO, 1990) no campo político.

A ideologia nazista é composta de princípios que colaboram na conquista dos objetivos principais, tais como a eugenia, a higiene racial, o

---

<sup>5</sup> A SS foi fundada em 1923, como parte da SA, para que em 1925 fosse instituída oficialmente como a “Tropa de Proteção” de Adolf Hitler. A SS era formada por um grupo de elite que contava com homens racialmente selecionados e disciplinados, segundo WEPMAN (1987).

pangermanismo, o nacional-socialismo, o antissemitismo e a homofobia. Cada um deles possui extrema importância na construção do cenário nazista, portanto discutiremos acerca deles para compreensão no contexto citado.

Eugenia é um termo cunhado por Francis Galton, em 1883, cujo significado é “bem nascido”. Galton definiu este conceito como “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente.” (GOLDIM, 97-98). Jiménez de Asúa, citado por Goldim, afirma que as políticas alemã, italiana e espanhola nesta área não eram “eugenistas”, mas sim racistas oriundas do nacional-socialismo alemão.

Goldim ressalta que estes preceitos têm como origem o trabalho de Conde de Gobineau – “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas” – publicado em 1854. Neste ensaio, Gobineau propôs a superioridade da raça ariana, defendendo um escalonamento racial no qual o ariano estaria no topo e o negro e o malaio estariam na base. Segundo Ricardo Alexandre Santos de Sousa (2006), Conde de Gobineau postulava que a razão para a queda de todas as grandes civilizações como os persas, os romanos e mesmo a civilização européia de seu tempo era uma só, a miscigenação que maculava as raças em sua pureza causando a degeneração do ser humano nos seus atributos físicos e morais levando assim a decadência dos grandes impérios.

Esta teoria posteriormente foi levada ao extremo pelos teóricos nazistas Günther e Rosenberg. Em 1935, este pensamento tornou-se objeto de legislação, através das Leis de Nuremberg, que proibiam o casamento entre indivíduos alemães e judeus, o casamento de pessoas com transtornos mentais, doenças contagiosas ou hereditárias. Seguindo esta ideologia, o nazismo oferece como compensação aos sentimentos de humilhação e revolta ocasionados pela derrota da Primeira Guerra, o nacional-socialismo, que daria ao homem comum a sensação de pertencer a um grupo de elite apenas por pertencer à raça ariana.

Dentro do conceito de eugenia, podemos incluir o de higiene racial, que significa a seleção, pelo Estado, dos seres humanos com as melhores capacidades físicas, intelectuais e morais para gerarem a próxima geração (à seleção dos reprodutores) e a esterilização de seres humanos menos capazes, com um estreito alinhamento com a saúde pública e a eugenia.

No seu livro, Galton propunha que “as forças cegas da seleção natural, como agente propulsor do progresso, devem ser substituídas por uma seleção consciente e os homens devem usar todos os conhecimentos adquiridos pelo estudo e o processo da evolução nos tempos passados, a fim de promover o progresso físico e moral no futuro.” (GOLDIM, 1997).

Podemos relacionar uma passagem do livro *Mein Kampf*, de Adolf Hitler:

Deve-se providenciar para que só pais sadios possam ter filhos. Só há uma coisa vergonhosa: que pessoas doentes ou com certos defeitos possam procriar, e deve ser considerada uma grande honra impedir que isso aconteça (HITLER, 1962, *apud* DIEHL, 1996, p.65).

O Pangermanismo era um movimento político do século XIX que defendia a união dos povos germânicos da Europa central. Este conceito foi fundado por Alfred Hugenberg, na construção da Liga Pangermânica. Podemos relacionar este conceito com o de Nacionalismo, pois, como vemos nesta afirmação dos autores Bobbio, Matteucci e Pasquino, o Nacionalismo também visa à união de culturas e tradições:

Em seu sentido mais abrangente o termo Nacionalismo designa a ideologia nacional, a ideologia de determinado grupo político, o Estado nacional (v. NAÇÃO), que se sobrepõe às ideologias dos partidos, absorvendo-as em perspectiva. O Estado nacional gera o Nacionalismo, na medida em que suas estruturas de poder, burocráticas e centralizadoras, possibilitam a evolução do projeto político que visa à fusão de Estado e nação, isto é a unificação, em seu território, de língua, cultura e tradições (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p.809).

O movimento nacionalista caracterizou-se como oposição de direita aos Governos democráticos, que eram acusados de não garantirem a segurança, a dignidade e o poder do povo, para que assim pudesse ter unidade nacional, necessária para fazer frente às pressões externas, neutralizando conflitos sociais e a dialética democrática. Através do nacionalismo, a disputa de classe e a luta dos partidos políticos seriam substituídas pela “solidariedade” nacional, diminuindo a “natural” desigualdade entre os homens.

Segundo H. W. Koch (1973), Hitler tinha a habilidade de simplificar problemas complexo em lemas palpáveis. Através da denominação de seu partido, conseguiu agradar todos aqueles que acreditavam que fosse possível existir uma síntese do nacionalismo e do socialismo. Como o ditador nunca explicou o que pretendia dizer com os termos, ele podia ser tudo para todos.

O “Dicionário de Política”, de Bobbio, Matteucci e Pasquino, 1998, traz o conceito do termo de forma histórica, mostrando que sua origem está na derrota de 1918 e suas trágicas consequências para a Alemanha. Os autores destacam que as tendências e as ideias desta corrente política surgiram muito antes da guerra, e que não podemos simplificá-la a um movimento pós-guerra, que fora conduzido por um astro na oratória.

A ascensão do Nacional-socialismo se deu graças à ineficiência da política alemã, com suas raízes nos primórdios do século XIX, com uma história repleta de crises na República de Weimar. O governo atuante nesta república foi considerado responsável pela derrota na Primeira Guerra Mundial, servindo de bode expiatório e sendo o objeto de rancor das forças de restauração e reação do Estado, bem como da sociedade.

Entre os fatores que caracterizam o início do Nacional-socialismo cumpre ressaltar o papel relevante desempenhado pela ascensão espetacular e pela veneração quase religiosa do Führer. A estrutura organizacional e as atividades deste novo tipo de movimento basearam-se completamente no princípio do líder. Ao centro de tudo encontrava-se a figura de Adolf Hitler. Em termos de psicologia social, ele representa o homem comum, em posição de subordinação, ansioso para compensar seus sentimentos de inferioridade através da militância e do radicalismo político (BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO, 1998, p. 810).

O conceito de antissemitismo liga-se à hostilidade para com os judeus. A palavra *Antisemitismus* foi cunhada, em língua alemã, no século XIX, numa altura em que a ciência racial estava na moda na Alemanha, e foi usada pela primeira vez já com o sentido de aversão aos judeus, pelo jornalista alemão Wilhelm Marr, em 1873, por soar mais "científica" do que *Judenhass* ("ódio aos judeus"). Há autores que preferem utilizar o termo judeofobia, significando "aversão a tudo o que é judaico" e esse tem sido o uso normal da palavra desde então.

Destacamos uma afirmação do autor H. W. Koch (1973), ao sustentar que para Hitler o único princípio ideológico em que o nacional-socialismo era coerente era no seu antissemitismo. Portanto, era necessário fundamentar tal sentimento em males políticos e econômicos. Aproveitando-se do fato de que alguns líderes judeus-soviéticos estavam em destaque na Rússia ou nos partidos comunistas e/ou socialistas, Hitler inseriu na sociedade uma teoria de conspiração pela qual “a judiaria internacional estava prestes a escravizar o povo alemão através da ‘tirania soviética’” (KOCH, 1973, p.81).



Devido à situação econômica da Alemanha durante a II Guerra Mundial, citamos o impacto na industrialização, favorecendo os altos negócios, enquanto o artesão e pequeno comerciante encontravam-se encurralados em uma sociedade sem rendimentos; despersonalização de uma sociedade industrial; e ao fato de que alguns dos maiores negociadores, chamados pelo nazismo de “financistas internacionais”, serem judeus, ficou muito fácil jogar a culpa no povo hebraico.

Podemos, ainda, destacar no sentimento antissemita três razões para que este tenha florescido: racial; cultural; e econômico. Quanto ao primeiro, utilizaremos o princípio da superioridade ariana e o da higiene racial para contextualizá-lo. Na visão dos alemães nazistas, todo e qualquer ariano já seria superior a todos que não o eram, principalmente aos judeus, que tinham como objetivo baixar o nível racial das elites, expurgando as inteligências racistas e substituindo-as por elementos do seu próprio povo (HITLER *apud* RIBEIRO JUNIOR, 1987). Ainda, ao pensarmos nos judeus dentro do contexto histórico e geográfico, no qual o Estado deveria selecionar os melhores indivíduos para garantir sua próxima geração, analisando elementos físicos, culturais, morais e sociais, com certeza aqueles não estariam dentro desta seleção, mas sim, seriam (e foram) expulsos da sociedade.

No âmbito cultural, encontramos a fundamentação no fato de que, até o final da Primeira Guerra Mundial, os filhos de judeus ricos assumiram grande parte do campo cultural, o que aumentou sua consciência nacional e gerou uma assimilação intelectual em nível nacional de grande camada da sociedade hebraica (DIEHL, 1996). Ribeiro Junior (1991) cita uma declaração feita por Adolf Hitler em seu livro “Minha Luta” que mostra como este crescimento intelectual desencadeou uma angústia na sociedade alemã – “Toda manifestação da cultura humana, todo produto da arte, da ciência e da habilidade técnica é quase que exclusivamente fruto do poder criador do ariano (...)” (HITLER *apud* RIBEIRO JUNIOR, 1987, p.46). O povo ariano deveria ser superior em todos os aspectos, não apenas se limitando à raça, aos direitos civis e ao poder econômico, mas também no campo cultural.

Ao terceiro ponto, econômico, podemos ver, também, o antissemitismo como uma resposta da sociedade alemã para os judeus, em virtude de que, mesmo após a Primeira Guerra Mundial, enquanto a sociedade alemã se recuperava do fim da inflação que reduzira a classe média alemã a uma quase

semiproletarização há menos de seis anos (KOCH, 1973), o povo judeu continuava a gozar de grandes espaços no setor bancário, demonstrando, aos olhos dos alemães, um ultraje para com estes. Temos que ultraje pode ser definido como algo que “consiste em causar dano e pena nas questões em que o paciente experimenta humilhação.” (ARISTÓTELES, s/d, p. 99).

Este fator foi importante para se estabelecer um sentimento de vingança, pois o judeu era considerado um parasita, que enriquecia às custas da riqueza de outras nações (RIBEIRO JUNIOR, 1987). Este ultraje se transformou em algo muito maior ao passo de que após assinado o Tratado de Versalhes, juntamente com todos os danos territoriais e econômicos já causados durante a Guerra, a Alemanha ainda teve de pagar uma grande quantia aos vencedores, como forma de indenização. Ou seja, a situação econômica alemã estava em crise geral, enquanto, aos olhos dos nazistas, os judeus continuavam a desfrutar de suas riquezas. E como afirma Aristóteles,

(...) encolerizamos contra os que se riem de nós, nos põem em ridículo e nos escarnecem, pois nos ultrajam. Contra os que causam todos os prejuízos que são os sinais do ultraje. (...) Contra os que regozijam com nossas desgraças e em geral permanecem imperturbáveis ante nossos infortúnios (...) (ARISTÓTELES, s/d, p.102).

Com tantos aspectos negativos levantados acerca dos judeus, a união do povo alemão contra os mesmos acabou sendo uma opção óbvia, pois os sentimentos de hostilidade e ressentimentos tornam-se armas poderosas quando trabalhadas dentro de um grupo, como afirma o autor: “(...) são fatores decisivos de cumplicidade e solidariedade no interior de um grupo. O ódio em comum possibilita o esquecimento das disputas internas e favorece a união em uma espécie de ‘comunhão de ódio’.” (FONSECA, 2007, p.172). Com isso, a sociedade alemã se uniu para combater este mal que estava dentro do seu país, agarrando-se ao ódio e ressentimento pela ideia de que eles seriam um dos causadores do declínio econômico alemão.

Os homossexuais constituíam um dos grupos perseguidos pelo regime nazista. Segundo João Ribeiro Junior (1991), antes do Terceiro Reich, Berlim era considerada uma cidade liberal, com bares e cabarés frequentados pela comunidade homossexual. Magnus Hirschfeld tinha começado aí, um movimento pelos direitos dos homossexuais durante o virar do século (RIBEIRO JUNIOR, 1991). Contudo, estes movimentos foram duramente

reprimidos pelo Partido Nazista. A ideologia sustentava que a homossexualidade era incompatível com o Nacional Socialismo, já que não permitia a reprodução, necessária para perpetuar a raça superior. Ribeiro Junior (1991) afirma que Ernst Röhm, líder da *Sturmabteilung* (SA), um dos homens de confiança de Hitler, era homossexual e foi assassinado em 1934 na Noite das Facas Longas. O mesmo se passava com outros líderes, como Edmund Heines. Hitler protegeu, inicialmente, Röhm de outros elementos do Partido Nazi que consideravam a sua homossexualidade como uma violação grave da política fortemente homofóbica do partido. Hitler, mais tarde, ao considerar que esta poderia ser, de fato, uma ameaça à consolidação do partido no poder, autorizou a sua execução.

### 3.3.2.1 Arte Retórica

Para compreendermos como tantos princípios aparentemente extremistas foram introduzidos com veemência na sociedade alemã, lançaremos mão da Arte Retórica de Aristóteles, a qual tem como objetivo a produção da persuasão através das palavras e do argumento (GOMES, 2004). Nesta arte, o filósofo classifica os discursos em três gêneros, sendo que o que mais se identifica com a ideologia nazista é o demonstrativo, pois este comporta duas partes: o elogio e a censura, sendo que para este gênero o essencial é o presente, visto que para louvarmos ou censurarmos algo/alguém devemos nos apoiar sempre na situação atual das coisas. Ao lermos a definição de elogio, temos:

O elogio é um discurso que mostra em todo seu esplendor a grandeza da virtude. (...) O panegírico<sup>6</sup> tem por objetivo as ações; as circunstâncias que lhes dizem respeito concorrem para a prova. (...) Por isso os panegíricos exaltam também os autores das ações, porque os atos são os sinais das disposições da alma; e a prova está em que louvaríamos até mesmo aquele que nada fez, se estivéssemos convencidos de ser ele suscetível de cumprir belas ações" (ARISTÓTELES, s/d, p. 64).

---

<sup>6</sup> Panegírico s.m 1 LIT discurso público em louvor de alguém ou a um ser abstrato. (Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 1ª edição, Rio de Janeiro, 2009.)

Para poder transformar este conceito e apropriá-lo aos atos de Hitler para com as minorias repudiadas, utilizamos outra afirmação de Aristóteles:

(...) Eis donde se extrai a matéria de quase todos os elogios e censuras; enfim aquilo em que estribam os panegíricos e as censuras. Uma vez adquiridas estas noções, não há dificuldade no que se refere a seus contrários; a censura é tirada dos contrários (ARISTÓTELES, s/d, p.65).

A partir disto, podemos relacionar os temas e afirmar que da mesma forma que através do elogio e/ou do panegírico, é possível que um orador convença uma pessoa a louvar outrem, mesmo que este não seja digno do louvor, através da censura foi possível que Hitler convencesse a nação a repudiar judeus, negros, homossexuais e não-arianos, mesmo que nem todos se encaixassem no perfil descrito pelo *Führer*.

### 3.3.3 O Nazismo no poder

Como destaca Paula Diehl, 1996, o partido nazista trazia uma novidade quanto às suas estratégias de dominação: a utilização das massas como elemento decorativo e de mobilização. Contudo, a massa possuía um papel muito maior do que apenas uma marionete a ser dirigida, ela fazia parte da realidade nazista, ao menos a que se concretizava no coletivo. Sem o engajamento das massas, os governos totalitários não seriam possíveis, pois, através delas, as normas do sistema eram fortalecidas por meio de suas reações aos impulsos do “chefe” do Estado, além das ações conjuntas com este.

Logo que assumem o poder, os nazistas aumentam suas atividades em busca de novos adeptos à ideologia, que já contava, segundo Koch, com a *Hitlerjugend* (Juventude Hitlerista), criada oficialmente em 1922, e que compreendia os jovens de 10 a 18 anos, a *Bund Deutscher Maedchen* (Associação das Jovens Alemães), que fora criada em 1927, mas reconhecida formalmente apenas em 1930, além de todos os componentes da SA e da SS. Para esta busca, comícios do NSDAP são organizados nas ruas de Berlim, contando com discursos de membros do partido como Göring, na época Presidente do *Reichstag*, e Goebbels, líder do setor de comunicação do

partido. Além dos comícios, as SA e SS vão às ruas desfilar uniformizados, portando uma nova bandeira, não mais a tradicional preto-vermelho-ouro, mas uma bandeira preto-vermelho-branca com o símbolo da suástica no centro. Para aumentar a popularidade do partido e a adesão ao *Reich*, em março de 1933 é criado o Ministério da Propaganda, que recebe o nome oficial de *Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda* (Ministério do *Reich* para o Esclarecimento do Povo e Propaganda), sendo chefiado por Joseph Goebbels (DIEHL, 1996).

No dia 20 do mesmo mês, Hitler apresenta ao Parlamento um pacote político que concentra todas as decisões de competência parlamentar nas mãos do Poder Executivo. Com 441 votos a favor e apenas 94 contra, o projeto é aprovado, permitindo que o *Führer* altere, exclua, crie e invalide leis, além de poder constituir contratos com nações estrangeiras, decidindo o rumo da política externa. Como afirma Paula Diehl (1996): “As bases da ditadura totalitária estão montadas.”. E, no dia 14 de outubro de 1933, o *Reichstag* fecha suas portas e Hitler dissolve o Parlamento, colocando em prática seu objetivo antiparlamentarista explicitado em seu livro, *Mein Kampf*:

O movimento é antiparlamentarista. A sua participação em tal instituição só pode ter o objetivo de *destruir* o Parlamento, que deve ser visto como um dos mais graves sintomas da decadência da humanidade. (HITLER, 1962, *apud* DIEHL, 1996)

Em um mês, os parlamentares foram chamados para votarem um “sim” à política nacional-socialista. Este voto deveria ser assinado e aberto. O NSDAP consegue 95,2% dos votos a favor da sua política, excluindo os parlamentares das atividades, sendo chamados apenas em caso de apoiarem ou não o governo nacional-socialista. Neste mesmo dia ocorre um plebiscito que aprova a política de Hitler com 95,1%. A trajetória para a tomada total do poder pelo NSDAP é resumida no momento em que o Presidente Hindenburg falece, em 1934. Hitler transfere o título de presidente para si, acumulando os cargos de chanceler e presidente. Tal transgressão é apoiada com 89,9% dos votos em uma votação popular. Envolvidos pela alegria com as vitórias durante as Olimpíadas de 1936 e com o filme produzido por Leni Riefenstahl durante este evento, “*Olympia*”, os alemães apoiam incondicionalmente a tomada do território sobre a Áustria, em 1938, para pouco depois, em março de 1939,

assistirem aos desfiles das tropas nazistas em Praga e à invasão a Bélgica, seis meses mais tarde.

Para que o governo nazista tivesse o apoio total da sociedade, era necessário cercar a mesma em todos os âmbitos sociais, principalmente no cultural. Para tanto, o partido lança a Campanha da Queimada dos Livros, que tem como objetivo encorajar a população alemã a “limpar” suas bibliotecas, destruindo todo e qualquer livro considerado subversivo. Na lista feita para determinar quais eram essas obras subversivas, constavam todos os autores marxistas, judeus e pacifistas. Temos como exemplo deste ato uma passagem do filme de animação “Education for Death: The Making of the Nazi”, baseado no livro de Gregor Ziemer, “Education for Death: The Making of the Nazi” (Educação para a morte: a construção dos nazistas), em 1943, produzido pelos Estúdios Disney. No filme é representada a Campanha, como podemos ver nas imagens a seguir:



Fonte: Filme “Education for Death: The Making of the Nazi”, GERONIMI, Clyde. 1943. 08’24”

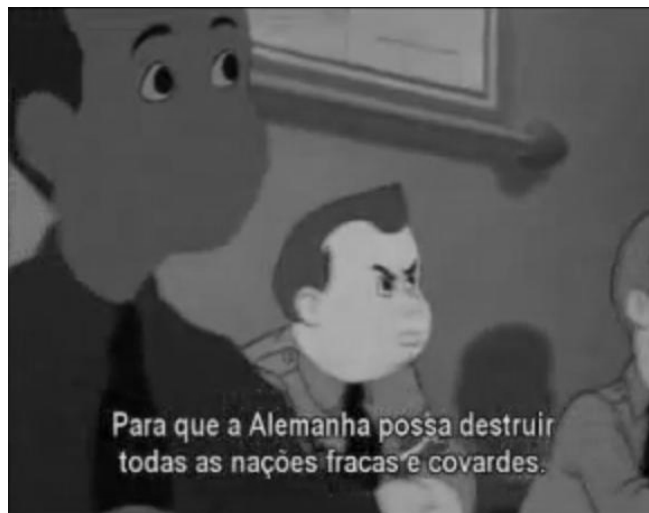


Fonte: Filme “Education for Death: The Making of the Nazi”, GERONIMI, Clyde. 1943. 08’37”

Outra forma encontrada pelos nazistas para cooptar todos os indivíduos possíveis para sua ideologia foi a de controlar a educação de crianças e jovens, com o intuito de dirigi-la não apenas no campo intelectual, mas também quanto a sua formação física e psicológica. Como afirma João Ribeiro Junior (1987), a estratégia política nazista baseava-se na geração mais jovem, visto que Hitler declarava ser a meta do Estado a orientação de seu trabalho educacional não apenas para ministrar conhecimentos, mas com objetivos para treinar e criar corpos fortes e saudáveis. Ele enfatiza ainda que o treinamento intelectual estaria em segundo plano, pois a ênfase deveria ser a formação do caráter, principalmente para desenvolver a força de vontade e a capacidade de tomar decisões.

Assim, surgem as “Escolas Adolf Hitler” e as “Escolas Superiores de Chefia”, que ficaram conhecidas como *NAPOLA*. Em 1936, é colocado em prática um projeto de ensino que modifica o programa para as escolas nacional-socialistas, no qual as crianças passam mais tempo na escola e são feitas alterações no curso de história, que deveria seguir a linha do Estado, sendo incluída uma nova matéria: “conhecimentos raciais” (DIEHL, 1996). Outra matéria que sofre adaptações para que seja mais influente a visão nazista dentro das escolas, é a Biologia. Teorias absurdas são criadas e inseridas nos livros, com o intuito de produzir um “instinto racial” nos jovens (KOCH, 1973). No filme produzido pela Disney, “Education for Death: The

Making of the Nazi”, temos cenas que exemplificam a forma de educar imposta por Hitler, como podemos ver nas imagens:



Fonte: Filme “Education for Death: The Making of the Nazi”, GERONIMI, Clyde. 1943. 07’54”



Fonte: Filme “Education for Death: The Making of the Nazi”, GERONIMI, Clyde. 1943. 08’04”

Em dezembro do mesmo ano, o governo instituiu uma lei que tornou compulsória a filiação à *Hitlerjugend* a todas as crianças a partir de 10 anos, tendo, assim, a educação paterna e escolar em suas mãos, como afirma H. W. Koch, transformando-se na “terceira força legal em importância na formação do caráter da juventude alemã.” (KOCH, 1973, p.75).



### 3.3.4 A propaganda nazista

Carlos Azevedo (2001), jornalista e professor do curso de Comunicação da UFPb, lembra a clássica frase: “a primeira vítima de uma guerra é a verdade”. A afirmação define bem o papel da mídia durante as grandes guerras, ocasião em que os meios de comunicação são utilizados como ferramentas na busca da hegemonia e do controle da opinião pública mundial. Em seu texto “Meios de Comunicação como Armas de Guerra”, ele cita o autor Adriano Duarte de Rodrigues, cujo livro aborda a relação entre o campo militar e os meios de comunicação. Rodrigues afirma que a comunicação é peça fundamental para os campos militares, assim como a origem dos *media* se deu muito na história das armas (DUARTE *apud* AZEVEDO, 2001).

O caso do cinema, por exemplo, que surgiu como entretenimento, através do seu desenvolvimento industrial, logo se tornou um instrumento de propaganda ideológica, que fora extremamente utilizado por Hitler, por exemplo, produzindo filmes, juntamente com Leni Riefenstahl, como “O Triunfo da Verdade”, de 1934, o qual ficou conhecido como um marco do III Reich. Nas mãos dos militares, este instrumento sempre foi bem utilizado, através de produções pró-movimento militar ou através da censura dos meios.

Tendo como princípio que as opiniões são um fator importante na formação de um homem e, principalmente, constituem sua identidade social, e, ainda, que as opiniões são mutáveis, à medida que se encontram expostas a outras pessoas e a outras ideias (BRETON, 1999), Hitler, ao inserir no imaginário da sociedade alemã a ideologia nazista, acabou por moldar suas crenças e valores, unificando-a e construindo uma identidade social alemã totalmente associada ao nacional-socialismo. Para uma sociedade que se encontrava em decadência econômica e social, a ideia de pertencer a um grupo de elite, que controlaria o país germânico, restabeleceria a ordem social e reergueria economicamente seu país, era a única resposta possível. O imaginário social auxilia no encontro desta resposta, pois trabalha de forma eficaz na produção de situações futuras, principalmente por meio da projeção de angústias, sonhos, esperanças e desejos em relação ao futuro incerto da uma sociedade (FONSECA, 2007).

Em momentos de crise, os agentes sociais, ou seja, aqueles que trabalham na construção e manutenção do imaginário social de uma

coletividade, colaboram para que as incertezas das decisões políticas sejam “anuladas”, “fazendo com que suas escolhas sejam imaginadas como ‘as únicas possíveis’ e que, por isso, teriam sido fatalmente impostas ‘por um destino inelutável’.” (FONSECA, 2007, p.173).

Para que se constitua e se mantenha uma sociedade é necessário que se tenha o mínimo de harmonia através de uma base de crenças comuns capazes de justificar o sentimento da existência da coletividade, fazendo com que os agentes sociais aceitem o fato coletivo como superior ao fato individual, construindo-se uma consciência pública (FONSECA, 2007). Portanto, para que os alemães consentissem e se mantivessem ao lado da ideologia nazista, era necessário que esta base de crenças fosse propagada em todas as oportunidades, através de comícios, de cartazes, de manifestações e tantas outras formas de se emitir uma ideia. Para obter a legitimação do poder, é necessário saber que aquilo que é apresentado à sociedade, mesmo que possua apenas sentido imaginário, pode ter uma representatividade igual ou maior do que fatos ocorridos na origem do processo explicitado. Com isso, o imaginário social deve ser levado muito em conta quando do objetivo de se conquistar uma nação, como fora o nazismo.

Como afirma Paula Diehl (1996), a propaganda era a base para o governo nazista, pois sem ela não existiria o mundo totalitário. Sendo tratada como estratégia política por Hitler, a propaganda foi utilizada como ferramenta de recrutamento de simpatizantes, assim como na manutenção da ordem artificial criada pelo partido e não se restringiu apenas aos meios de comunicação de massa, mas abrangeu todas as atividades sociais do momento. Segundo a autora, propaganda e organização andavam lado a lado e eram essenciais uma à outra. A comparação é dada por Hitler em seu livro:

(...) por essa propaganda dever-se-ia conseguir, pouco a pouco, um pequeno núcleo de indivíduos, convencidos da nova ideia, os quais se tornariam o material que, mais tarde, poderia fornecer os primeiros elementos de uma organização (HITLER, 1962, *apud* DIEHL, 1996).

### 3.3.4.1 Argumentação na comunicação nazista

O primeiro objetivo de uma argumentação é o de alterar o contexto de recepção<sup>7</sup> do seu público para que este aceite a nova proposta que o orador está para apresentar (BRETON, 1999). Assim sendo, Hitler, ao planejar sua propaganda e como difundiria os ideais de sua ideologia, não trouxe ideias inéditas, isto é, não apresentou à sociedade alemã pensamentos que já não estavam inseridos nela, pois, por exemplo, o antissemitismo teve origem muito antes do nazismo, assim como a proposta da superioridade ariana que data de 1854. Contudo, foi através da difusão da ideologia nazista que tais opiniões se intensificaram, dando espaço para que o nazismo crescesse com apoio.

Breton (1999), divide este processo de “alteração do contexto de recepção” em duas etapas: a primeira propõe que seja construído um elemento comum entre o orador e o seu público; no segundo momento, o orador se utilizará deste elemento comum para construir um vínculo com a nova ideia. Introduzindo estes conceitos no espaço-tempo nazista, identificamos este elemento comum entre Hitler e os indivíduos alemães como a vontade de recolocar a Alemanha no cenário europeu, assim como purificar a sociedade alemã, extraindo aqueles que não pertenciam à raça ariana. Acrescento uma afirmação de Aristóteles para qualificar esta análise de como Hitler alterou/intensificou as ideias da sociedade alemã:

(...) entre as formas comuns a todos os discursos, a ampliação é, em geral, a que melhor se presta aos discursos demonstrativos, porque nela o orador toma os fatos por aceitos e só lhe resta revesti-los de grandeza e beleza (ARISTÓTELES, s/d, p. 65).

A partir desta tese de Aristóteles acerca do discurso demonstrativo, reiteramos o fato de que Hitler apoderou-se de pontos já estabelecidos na sociedade alemã e os “engrandeceu”.

Antes mesmo de ter seu próprio ministério, o NSDAP já conseguia ver quais elementos poderiam auxiliar na busca por seus simpatizantes, para isso, em 1920, o partido comprou o jornal *Völkischer Beobachter*, transformando-o

---

<sup>7</sup> Trata-se do conjunto das opiniões, dos valores, dos julgamentos que são partilhados por um auditório e que existem previamente ao ato da argumentação e vão desempenhar um papel na recepção do argumento, na sua aceitação, na sua recusa ou na adesão variável que ele vai provocar. (BRETON, 1999 p.29)

no órgão de imprensa do partido. Além da comunicação impressa, o partido se fazia presente na sociedade com comícios que se realizavam periodicamente e cada vez com maior frequência. Tamanha a importância dada à comunicação do partido nazista, a propaganda teve seu ministério criado em 1933, sendo liderado por Goebbels. A partir da criação do ministério, que tinha como objetivo trabalhar para que, a cada nova campanha, fosse possível mobilizar ainda mais a população, a propaganda começa a se espalhar para outros espectros da comunicação, como cinema, música, eventos, arquitetura e até mesmo, os corpos dos próprios integrantes. Paula Diehl (1996) mostra que, através da postura trabalhada nos grupos nazistas, como as SA, as SS, a *Hitlerjugend*, entre outras, era possível transmitir a ideia da perfeição nacional-socialista.

Ratificando, a propaganda era utilizada na manutenção da ordem artificial que fora criada pelo NSDAP, para tanto ela deveria manipular os fatos através de uma abordagem propagandística. Sabido que esta “realidade” era construída através de fatos inventados e/ou aumentados, era necessário proteger aqueles que se encontravam dentro desta realidade dos perigos externos, daqueles que confrontariam o artificial. Conforme Diehl, “A propaganda não desempenha apenas uma função estratégica, mas cumpre também um papel fundamental na formação e consolidação do imaginário nacional-socialista” (1996, p.83). Para tanto, a propaganda cria fatos (impulsos) capazes de nutrir e garantir a existência da sociedade nacional-socialista.

Por outro lado, uma realidade nada é sem os indivíduos que compartilham desta, por isso, é essencial trabalhar em cima das pessoas que devem manter este sistema funcionando, ou seja, se deveria trabalhar em cima do núcleo do partido, aqueles que seriam expostos aos maiores perigos, como afirma Hitler, e seriam o centro da sociedade totalitária. Com isso, a autora dá à propaganda duas formas de agir: a conversão de novos membros do Partido, que seriam parte desta estrutura central e interna do imaginário nazista; e na conquista de simpatizantes, que integrariam “uma camada protetora do mundo totalitário situada entre este [partido] e seu exterior” (DIEHL, 1996, p. 85).

Segundo Breton (1999) “argumenta-se sempre para um auditório específico e é isto que, no fundo, faz da argumentação uma arte delicada.” (p.67), assim sendo, o ato de argumentar, ou seja, ter a intenção de convencer, implica na escolha de alguns aspectos dentro de uma opinião que a façam ser

aceita por um certo público. É necessário que o orador identifique os seus espectadores e saiba escolher quais pontos do seu argumento são os mais eficazes para que este “auditório” aceite sua ideia.

Nesta divisão de públicos-alvo, a autora explicita as principais características na comunicação voltada para cada um dos “espectadores”. Na propaganda com o objetivo de alcançar aqueles que não conheciam ou não simpatizavam com o NSDAP, ou seja, a propaganda de adesão, era necessário transformar estas pessoas em simpatizantes e, talvez, utilizá-las no Partido. Em primeiro lugar, mesmo tendo suas ideias baseadas em Hitler, o NSDAP e o nacional-socialismo eram as imagens exaltadas, pois o foco propagandístico ainda não era o do líder. Para tanto, situações-problema eram sempre apresentadas tendo como solução o nacional-socialismo.

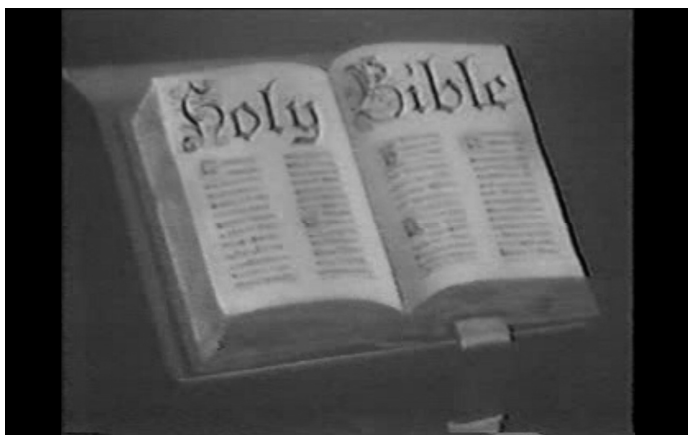
Nesta fase, o público era mais abrangente e incluía todos os alemães, até os rivais políticos do nazismo. Os argumentos utilizados nesta comunicação enfatizam o nacional-socialismo e a noção de comunidade. Já a propaganda utilizada no interior do partido é mais radical e tem um tom profético, dando a ideia de que aqueles que pertencessem ao Partido, que realmente fizessem parte dele, já teriam absorvido os ideais nazistas, sendo necessária apenas a fixação dos dogmas e crenças. Os jargões mais utilizados eram: “prova de fé” e “sacrifício pelo Partido” (DIEHL, 1996).

Além desta divisão na propaganda nazista, existe outra, mas que se diferencia não nos públicos-alvo, mas sim na situação política em que o nazismo se encontrava: antes e depois da tomada do poder. Na primeira parte, temos exatamente o que foi descrito acima, a propaganda de adesão, em busca de novos adeptos, e a propaganda para o partido, aqueles que já participavam ativamente do processo, que faziam parte da estrutura. Na segunda, após a tomada do poder, as fronteiras do mundo totalitário já haviam se expandido para toda a sociedade alemã, portanto, os nazistas acreditavam que toda a sociedade já havia se rendido ao Estado nacional-socialista. O mundo não totalitário encontrava-se fora da Alemanha, não sendo mais necessário dispendir tempo na busca por novos adeptos, pois toda a Alemanha já era nazista. Os argumentos utilizados são outros, ao invés de convencer a sociedade da proposta nacional-socialista, o momento exigia que se apresentasse o nacional-socialismo como a única solução existente. Conforme Diehl, “A propaganda de adesão desaparece assim do cenário da

política interna alemã para dar lugar somente à propaganda doutrinária e ao terror (...)" (1996, p. 85).

Neste contexto, a sociedade já pertencia ao NSDAP e estava em harmonia. Entretanto, a propaganda seguia mostrando inimigos que tentavam acabar com tal harmonia. Aqueles que na fase anterior encaixavam-se em "potenciais nazistas", como os comunistas, já não tinham mais a possibilidade de se converter, estavam taxados como inimigos e deveriam ser combatidos para que fosse mantida a ordem nacional-socialista. Nesta fase, a propaganda pode ser comparada a uma doutrinação ou crença religiosa (DIEHL, 1996).

Como exemplo da afirmação de Paula Diehl, temos uma sequência de cenas do filme "Educação para a morte: a construção do nazista". A primeira cena mostra a Bíblia sendo substituída pelo livro *Mein Kampf*, escrito por Hitler, na segunda, um crucifixo é substituído por uma suástica e uma espada.



Fonte: Filme "Education for Death: The Making of the Nazi", GERONIMI, Clyde. 1943. 08'46"



Fonte: Filme "Education for Death: The Making of the Nazi", GERONIMI, Clyde. 1943. 08'48"



Fonte: Filme "Education for Death: The Making of the Nazi", GERONIMI, Clyde. 1943. 08'49"



Fonte: Filme "Education for Death: The Making of the Nazi", GERONIMI, Clyde. 1943. 08'51"

A propaganda nazista envolveu até mesmo a propaganda eleitoral, visto que naquele momento, eleições serviam apenas como mais um mecanismo propagandístico e de persuasão. Um exemplo é o plebiscito de 1933, no qual Hitler chamou a população a votar “sim” à sua política e apoiar o nacional-socialismo, obtendo 95,1% de aprovação. Antes da tomada do poder, a propaganda eleitoral exaltava as mazelas do país, como o desemprego e mostrava a possibilidade de mudanças junto ao NSDAP. Já na fase posterior, a comunicação focou-se na consolidação de preconceitos e da imagem do representante maior da ideologia, Hitler, fortalecendo o imaginário nacional-socialista (DIEHL, 1996).

Outro exemplo desta mudança na comunicação, é o de um cartaz da fase anterior à tomada ao poder, no qual o nacional-socialismo é apresentado como a alternativa correta para a Alemanha. No texto “Nós construiremos a nova Alemanha!” fica visível o objetivo de enaltecer o sentimento de união e pertencimento a um grupo vencedor.



Disponível em  
<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/posters1.htm>  
Acesso em 01/03/2012

Podemos ver, através de um segundo cartaz, da época pós-tomada do poder, que o fator enaltificado é exatamente Hitler, atribuindo-se a ele um caráter quase messiânico, com os dizeres “Hitler, nossa última esperança”.





Disponível em  
<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/posters1.htm>  
Acesso em 01/03/2012

#### 3.3.4.2 Processo de adesão a uma opinião

O objetivo da argumentação é o de convencer e que, de uma maneira geral, este ato apresenta-se como uma alternativa ao uso da violência (BRETON, 1999). Contudo, o próprio autor retoma e diz que nem sempre o convencer está livre da violência (salvo a violência física), podendo utilizar métodos coercitivos, os quais podem exercer em seus públicos a violência mental/simbólica. Ainda,

Pode-se também convencer com a ajuda de métodos mais suaves. A sedução é frequentemente usada para levar o outro, ou até públicos inteiros, a partilhar determinado ponto de vista. (...) Muito políticos se servem deste artifício, estabelecendo uma relação quase carnal com seu auditório (...) (BRETON, 1999, p.09).

Na propaganda nazista identificamos este contexto de violência mental, que ao repetir a mesma mensagem inúmeras vezes é possível torná-la verdadeira, como afirmava Joseph Goebbels, Ministro da Propaganda do III Reich (DIEHL, 1996). Contudo, por mais que uma mensagem seja emitida diversas vezes para um mesmo público, este mesmo público possui razões para assimilar e absorver as informações recebidas.

Conforme Breton (1999), há três tipos de razões para se aderir a uma opinião: a ressonância, a curiosidade e o interesse. O primeiro tipo permite que apenas seja feita uma rerepresentação de fatos, que já estão inseridos na

realidade do espectador, entrando em ressonância com uma visão geral já estabelecida, mesmo que possua um tom de novidade. Desta forma, a nova apresentação se torna mais aceitável e possui o sentimento de evidência imediata, caracterizando este motivo como conservador, afinal não se está aceitando novos horizontes, apenas fazendo releituras daquilo que já se tem, pois, como afirma Breton, “Devemos justificar bem mais as nossas mudanças do que nossas permanências, nossas rupturas de conduta do que nossos hábitos.” (1999, p.72).

Podemos identificar assim a razão de muitas pessoas terem aderido ao nazismo, como o antissemitismo e a superioridade ariana, como já afirmado, existiam muito antes da ideologia de Hitler surgir na Alemanha. Portanto, neste contexto, o nacional-socialismo se valeu de alguns valores que já faziam parte da “visão geral alemã”, facilitando a associação e aceitação direta.

Já a segunda causa para se admitir uma nova opinião, a curiosidade, leva o público ao desejo de mudanças, à exploração do novo, permitindo que algo novo, que nunca havíamos pensado, seja visto com boa vontade. Com esta razão, no que se refere ao “desejo por mudança”, associo o desejo que toda a sociedade alemã possuía no início dos anos 20, após a Primeira Guerra Mundial, quando a Alemanha estava em decadência. No anseio por ter um país desenvolvido e economicamente estável novamente, milhares de pessoas aceitaram o nazismo como a solução óbvia para este país que estava quase em estado de semiproletarização.

A terceira causa, de interesse, apresenta-se de forma objetiva, visto que havia interesse por todos os lados, tanto na sociedade em si, com o interesse de crescimento social e econômico, como nos parlamentares e militares, na busca pelo poder e controle de uma nação.

Hitler tornou-se a persona identificadora do nazismo, ao olharmos qualquer imagem dele é impossível não enxergarmos a ditadura nazista. Segundo Koch,

Hitler era essencial à existência do NSDAP. Isto ficou amplamente demonstrado nos nove meses em que esteve preso na Fortaleza de Landsberg. Ele era a chave do movimento nazista, o único homem que podia lhe dar coerência e forma (KOCH, 1973, p.29).

O *Führer* sempre ocupou o lugar central na constituição do partido e de seus eventos. O movimento totalitário baseia-se no princípio da autoridade de

um chefe combinada com a responsabilidade integral (DIEHL, 1996). A ideologia nazista necessitava de uma pessoa que fosse capaz de carregar o partido e se responsabilizasse por ele; para isso, Hitler se apresentava como o indivíduo perfeito, capaz de assumir esta tarefa de forma messiânica, comparando-se a um semideus. Por Diehl, 1996, “A incorporação desse princípio implica a centralização e o caráter fanático do movimento.” (p. 49). Hitler adquiriu tal adoração pela sociedade alemã através de suas atitudes, na tentativa de salvar o seu país, se apresentou como o salvador do povo alemão, aquele capaz de lutar e dar a sua vida contra os inimigos. Todas estas atitudes, que muitas vezes foram muito mais verbais do que de fato ativas, mostraram aos alemães uma pessoa beneficente, com o intuito de assegurar a vida de todos os alemães. Importante então retomar a afirmação do filósofo grego:

A boa reputação consiste em ser tido na conta dos virtuosos por todos os homens. (...) As honras são o resultado de boa reputação adquirida pela beneficência. Honra-se muito particularmente e com justa razão aos que praticaram o bem. (...) A beneficência empenha-se em assegurar a salvação alheia, ou em salvaguardar tudo quanto faz viver o próximo (ARISTÓTELES, s/d, p. 46).

Na lógica política, um candidato a qualquer cargo não pode surgir do desconhecido, a não ser em circunstâncias inusitadas que a façam dele um herói e salvador (FONSECA, 2007). Seguindo esta lógica, Balandier, citado por Fonseca (2007), mostra que é exatamente o “mito do herói” que exprime da melhor forma e com maior intensidade a teatralidade política, visto que a personagem possui um poder mais “espetacular” do que rotineiro, por este motivo, acaba contando com um poder maior de mobilização.

Podemos definir o papel de Hitler, dentro do contexto da Segunda Guerra Mundial, como o de um herói, que seria o salvador da Alemanha, como fica explícito no discurso de Rudolf Hess, deputado de Adolf Hitler, durante o 6º Congresso do Partido Nazista, em 1934, que foi documentado por Leni Riefenstahl, no filme “Triumph des Willens” - O Triunfo da Vontade – produzido, dirigido e montado pela cineasta, sendo finalizado em 1935. Neste discurso, encontramos alguns momentos em que Rudolf enaltece Hitler como sendo ele o salvador da Alemanha: “Graças a sua liderança, a Alemanha firmará seu objetivo de ser a pátria de todos os alemães do mundo. O senhor garantiu a nossa vitória e agora está garantindo a nossa paz. Salve Hitler! Salve Hitler!”.

Mesmo não tendo surgido do desconhecido, conforme Balandier, Hitler teve sua trajetória no poder de forma rápida e sempre acompanhado de um toque de espetáculo, tanto nos seus gestos, como na sua oratória. Tal fato também podemos confirmar no filme de Leni Riefenstahl (1935), no qual o *Führer*, dentre outras coisas, se encontra com os integrantes da SA no serviço de revista do trabalho do Reich, e discursa:

Virá o tempo em que nenhum alemão se juntará a comunidade desta nação, a menos que ele tenha sido membro de nossa comunidade antes. E vocês sabem que não só milhares em Nuremberg estão olhando para vocês, mas neste momento, toda Alemanha vê vocês pela primeira vez. E sei que vocês estão servindo a Alemanha com leal devoção. Ela vê com orgulho seus filhos marchando em suas fileiras (HITLER, 1934).

Ao unirmos o discurso persuasivo de Hitler ao seu comportamento gestual, temos uma combinação explosiva, que sempre demonstrou grande eloquência e teatralidade, oferecendo aos espectadores cenas de um espetáculo que eram “(...) cuidadosamente trabalhadas e ensaiadas, chegavam ao exagero e tendiam a cenas dramáticas” (DIEHL, 1996. p.122).

### 3.3.5 O cenário da Tragédia nazista

Os grandes comícios tiveram enorme representatividade na conquista de simpatizantes e na manutenção dos mesmos. Como afirma Diehl (1996), até 1935 não existiam aparelhos televisores em grande escala, que pudessem proporcionar a difusão rápida que o nacional-socialismo necessitava. Mesmo com a difusão do rádio, a presença física de Hitler se fazia muito necessária, visto que ele exercia um poder hipnótico e persuasivo sobre os espectadores, através de seus gestos exagerados e sua oratória enfática. Na medida em que o nazismo foi tomando o poder na Alemanha, os comícios organizados pelo NSDAP e, principalmente, por Joseph Goebbels, foram se aperfeiçoando, a tendência teatral aumenta ao passo que não só a conduta do seu representante maior oferece à sociedade um “show”, mas todo o seu entorno, tudo aquilo com que se estrutura uma peça de teatro era entregue aos espectadores, “Aos discursos, juntam-se as luzes, a organização espacial da

massa e a música de Wagner<sup>8</sup>, cada vez mais imponente.” (DIEHL, 1996, p.118). Ainda segundo a autora,

Os métodos propagandísticos deveriam sempre transmitir uma mensagem enérgica e agressiva. Daí a importância dos grandes eventos e desfiles do partido, que intimidavam e fascinavam adversários e simpatizantes. (...) (DIEHL, 1996, p.48).

Segundo o antropólogo Georges Balandier, citado por Fonseca (2007), há sempre, nos bastidores do controle político e na busca pelo poder, o que ele chama de “teatrocracia”, “(...) um dispositivo de poder destinado a produzir efeitos, entre os quais os que se comparam às ilusões criadas pelo teatro. ‘O grande ator político comanda o real através do imaginário’” (FONSECA, 2007, p.174). Todo o político que busca o poder utiliza-se de encenação, pois caso o poder fosse instituído à base da força, o governo teria sua existência constantemente ameaçada, visto que a opressão sobre o povo incitaria a cada momento uma revolta civil; enquanto se o governo baseia-se na razão, acaba por carecer de caráter mobilizador, e, por isso, falta credibilidade e legitimidade ao governo. Desta forma, Balandier afirma que técnicas dramáticas clássicas do teatro são utilizadas na direção política, pois se faz necessário para o governante se mostrar como um “ator político”, na medida em que existe um ritual de conquista e conservação de poder quando tratamos de política.

Reside aí a importância de perceber que o controle social não se mantém apenas pelo “domínio brutal” ou pela “justificação racional”, mas também pela “produção e imagens” e pela “manutenção de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial” (FONSECA, 2007, p.174).

As potencialidades dramáticas ganham um maior espaço em regimes totalitários, pois é nas crises políticas que temos o melhor cenário para que o “ator político” se destaque e obtenha seu reconhecimento como herói por sua força dramática e não por sua competência civil. Como afirma o autor:

O herói aparece, age, provoca a adesão e recebe o poder. A surpresa, a ação e o sucesso são as três leis do drama que lhe dão vida. Quando o herói se posiciona na condução do governo, deve

---

<sup>8</sup> Richard Wagner foi maestro, compositor, diretor de teatro e ensaísta alemão. Suas obras foram parte inspiradora da ideologia nazista na mente de Adolf Hitler, ao passo que glorificavam o passado mitológico da Alemanha, além de algumas delas possuírem conteúdo antissemita (WEPMAN, 1987).

ainda respeitar essas leis para manter-se no próprio papel e mostrar que a sorte permanece sua aliada contra todos (FONSECA, 2007, p.175).

Uma boa representação consiste em dominar os meios pelos quais se estabelecem as estratégias que prevêm e solicitam as respostas da recepção. Para isso, Wilson Gomes (2004) cita três elementos:

- Composição do enredo;
- Caracterização do personagem – do ponto de vista psicológico-moral e, posteriormente, a forma como o personagem se expressa, sua linguística, sua comunicação gestual, configurando sua identidade;
- Composição dos meios – linguagem, ritmo, melodia e o cenário.

O nacional-socialismo, para cativar as massas, utilizava um conjunto de elementos simbólicos, formado por bandeiras, cores, emblemas e, claro, cerimônias. Por meio de todos estes fatores, os quais agregavam aos comícios certo caráter místico, Joseph Goebbels e Adolf Hitler objetivavam suscitar emoções intensas, através das quais os indivíduos se prendessem à sociedade nazista (DIEHL, 1996). A utilização de luzes, músicas, discursos enérgicos e imagens místicas e/ou que possuíssem uma grande representatividade contribuíam para alcançar os sentimentos mais íntimos daqueles que lá estavam como espectadores do teatro nazista.

Philippe Breton (1999) afirma que o ato de argumentação normalmente tem como base uma dominante de raciocínio, ou seja, o apelo aos sentimentos estaria de fora do argumento, contudo, este último elemento, assim como o poder, não está ausente no ato argumentativo. É importante destacar, alega Breton (1999), que “(...) é possível e desejável que em certos momentos nós estejamos em uma comunicação com dominante de paixão, minimizando o raciocínio (...)” (p.57).

Portanto, podemos aliar esta afirmação de Breton com o que defende Aristóteles (s/d), quando diz que a persuasão pode ser obtida quando o discurso leva o espectador a sentir uma paixão, pois é através do discurso que persuadimos, à medida que mostramos a verdade ou aquilo que parece ser a verdade. Temos, ainda, mais uma relação a fazer a este tópico, com uma declaração de Hitler (*apud* DIEHL, 1996), na qual ele afirma que “para se

‘dominar as massas’ é preciso fazê-lo pela emoção e não pela razão, pois ‘a força motriz das grandes evoluções, em todos os tempos, não foi o conhecimento científico das grandes massas, mas sim um fanatismo entusiasmado.’ (p.47).

Complementando, Wilson Gomes (2004) afirma que a retórica, que muito fora utilizada por Hitler em seus discursos, quando do objetivo de persuadir a sociedade alemã através de seus argumentos, garante a possibilidade de uma mediação pacífica no conflito político que existe eventualmente na produção de decisões como na elaboração de leis, litígio judicial, entre outros. “É mais *civilizado* resolver as contendas pela força do discurso do que pela força bruta.” (GOMES, 2004, p. 296).

Dentre todos os elementos visuais da propaganda aplicados ao longo do regime nazista, aqueles que se tornaram ícones indissociáveis da ideologia e que, conseqüentemente, carregam até hoje uma identidade ligada à época da Segunda Guerra Mundial, são: a suástica, a bandeira do nazismo e a águia. A suástica foi e continua sendo o símbolo mais central do nazismo. Mesmo sendo encontrada em outras ideologias, religiões e filosofias, com no budismo e no hinduísmo, sua utilização mais marcante foi durante o nazismo. Ao contrário da suástica persa e hindu, que possuem seu centro rotacional no sentido anti-horário, representando a distribuição e dispersão da energia, o movimento rotacional da suástica nazista é no sentido horário, que significa a absorção e concentração da energia, por isso “alguns sustentam que, por meio da rotação centrípeta, a suástica adquire um caráter negativo, pois ‘... tenta dominar o mundo’.” (DIEHL, 1996, p.108).

Além desta função, Diehl (1996) afirma que, para outras culturas, este símbolo representa a reprodução, dando espaço para que seja acrescida a ela uma conotação sexual, que se intensifica com a associação feita à cor vermelha, contida na bandeira nazista, comumente conhecida como a cor do movimento comunista, mas que com o uso pelos nazistas perdeu sua relação com o sentido “de esquerda” que possuía. Além do cunho sensual, o vermelho é tido como a cor guerreira e enérgica, que quando combinado à cor preta, adquire status satânico.

A cor preta, por si só, possui duas representações, se visto por seu aspecto positivo, no qual evoca religiosidade e transcendência, segundo Paula Diehl (1996), ou no seu aspecto negativo, representando a morte. Como a

comunicação nazista tinha como pressuposto aflorar emoções fortes, a aplicação do preto/vermelho cooperava neste sentido, também, posto que “(...) de um lado o vermelho provoca, irrita e excita, num apelo guerreiro; de outro o preto, com seu tom mortífero, reprime e amedronta num ensaio satânico” (DIEHL, 1996, p. 110).

A águia representa força e poder, por isso fora usada por diversas civilizações guerreiras e conquistadoras (DIEHL, 1996). Durante o nazismo, a águia era utilizada em todos os momentos e formas possíveis: em comícios, nos uniformes das SA ou das SS e muitos outros, tendo sua maior representatividade no Parlamento, onde existia uma escultura imensa, na qual a águia estava com suas asas abertas presa à parede da sala principal, como podemos ver na imagem a seguir, “(...) a águia estende suas asas sobre a Alemanha.” (DIEHL, 1996, p. 106). Exatamente através da combinação de todos estes símbolos que os nacional-socialistas conseguiam não somente atrair, mas conquistar os receptores de sua propaganda.



Disponível em: [www.danielfawkesfreenet.blogspot.com.br](http://www.danielfawkesfreenet.blogspot.com.br)  
Acesso em 22/04/2012



#### 4 O SISTEMA TRÁGICO COERCITIVO DE ARISTÓTELES E O NAZISMO

Neste capítulo será estabelecida a dialética proposta por esta monografia, ou seja, a conexão entre os conceitos e as etapas do STCA com o nazismo.

O Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles, anteriormente abordado, é utilizado no teatro, visto isso, temos uma estrutura básica a ser seguida, composta de conceitos, personagens e elementos indispensáveis para que se possa alcançar o objetivo final do sistema: a *catarse*. Portanto, para que possamos relacionar o STCA e os fatos ocorridos na Alemanha durante o Nazismo, é preciso que sejam explicitadas as correlações fundamentais entre um e outro, conforme propomos no esquema que segue:

<b><u>STCA</u></b>		<b><u>NAZISMO</u></b>
<b>PROTAGONISTA</b>	↔	<b>ALEMANHA – apropriada por Hitler</b>
<b>EMPATIA (protagonista x público)</b>	↔	<b>EMPATIA (Hitler x povo alemão)</b>
<b>HARMATIA</b>	↔	<b>JUDEUS, NEGROS, COMUNISTAS, ETC.</b>
<b>PERIPÉCIA</b>	↔	<b>PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL</b>
<b>CATÁSTROFE</b>	↔	<b>DECLÍNIO SOCIAL E ECONÔMICO DA ALEMANHA</b>
<b>CATARSE</b>	↔	<b>NAZISMO</b>

Como vimos, a representação dramática objetiva despertar um sentimento naquele para quem a representação é destinada. Ou seja, no caso

do STCA, o sentimento que se objetiva despertar é o de piedade ou terror em relação ao protagonista, para que assim seja gerada a empatia. Contudo, as representações podem gerar mais do que efeitos de natureza emocional, mas também podem programar um conjunto de pensamentos, podem despertar no seu espectador determinadas convicções que “(...) funcionam como substrato cognitivo para, por exemplo, os processos de simpatia e antipatia ou os mecanismos de identificação necessários para o meu envolvimento na trama que aprecio.” (GOMES, 2004, p. 295).

Com base nesta afirmação do autor, podemos relacionar aos discursos de Adolf Hitler, que além de despertar sentimentos de repulsa aos judeus ou de reconhecimento por pertencer a uma raça elitizada, como a ariana, conseguiu, também, construir no imaginário social dos alemães um conjunto de crenças que o auxiliavam na manutenção do seu poder, como podemos ver no filme “O Triunfo da Vontade” (1934), no qual temos declarações que demonstram uma obediência sem limites ao seu comandante: “Nós homens da SA, só conhecemos uma coisa, a fidelidade de luta pelo nosso *Führer!*” – declarado por Viktor Lutze, chefe do Pessoal da Reunião Noturna, durante o 6º Congresso do Partido Nacional Socialista.

Partindo dos conceitos de justiça e desigualdade, analisamos a questão do antissemitismo e a fobia para com as minorias, que neste caso as mais evidentes eram os negros e os homossexuais. Como ponto inicial, destacamos uma afirmação de Boal (2005), na qual ele enfatiza que o teatro oferece uma descarga inofensiva para aqueles instintos humanos que necessitem de satisfação e que são tolerados na ficção do teatro, mas não o seriam na vida real.

Neste contexto, podemos visualizar o nazismo e sua ideologia antissemita e antiminorias como o teatro, ou seja, como o cenário que dá espaço para certas atitudes que, caso este sistema não estivesse vigorando, não seriam admitidas pela sociedade em geral. O nazismo deu a chance para aqueles que já possuíam pensamentos antijudaicos, anticomunistas e outros, transformassem estas ideias em atos, que pudessem concretizar seus desejos de violência e preconceito, sem serem inibidos.

Ratificando, a superioridade ariana já existia na sociedade alemã desde 1853, quando o conceito foi proposto pelo Conde de Gobineau. Com a ideologia nazista este sentimento se fortaleceu aumentando as desigualdades

entre o povo ariano e os povos judeu, negro, comunistas, entre outros. No sistema político atuante durante a Segunda Guerra Mundial, os alemães nazistas estavam acima de todos aqueles que não eram nazistas, acima de todos os negros e de todos os judeus, portanto, na “realidade empírica” imposta pela ideologia os homens superiores capazes de definir as leis na Constituição seriam os arianos nazistas, que durante o período tinham como seu representante máximo Adolf Hitler.

Nas formações sociais, as classes dominantes ditam quais serão as representações ideológicas que terão o domínio sobre a sociedade, visto que tais classes são “(...) intrínsecas na constituição de instituições tais como o Estado, a Igreja e a Escola.” (FONSECA, 2007, p.169). Ainda, podemos relacionar mais um conceito ao de realidade empírica aplicada ao nazismo: o conceito de “contexto de recepção”, de Philippe Breton (1999) no qual os valores, os julgamentos e as opiniões pré-estabelecidos em uma sociedade têm grande influência no momento de aceitar ou recusar uma nova proposta.

Portanto, tendo como base o pensamento de Aristóteles, no qual devemos partir da realidade concreta, isto é, aceitar as desigualdades já existentes, para então definirmos o que é justo e injusto e, acrescentarmos que os aspectos que constituem esta realidade são os que definiriam a aceitação ou não de uma nova ideia, temos que Hitler utilizou-se das ideias já existentes na sociedade alemã e apenas as estimulou para que sua ideologia fosse aceita e, mais ainda, para que obtivesse seus devotos.

Contudo, reconhecendo a manipulação que Hitler aplicou na sociedade alemã, temos uma afirmação do autor Wilson Gomes que credita ao orador o dever de preparar o campo no qual sua ideia será recebida:

Um bom “poeta”, entretanto, é aquele que domina a tal ponto a sua arte que o seu produto, encenação ou narração que seja, desencadeia um efeito emocional e/ou cognitivo no ânimo do leitor ou espectador. Para isso ele precisa dominar um conjunto complicado de estratégias de construção, agenciamento e organização dos elementos capaz de prever e solicitar na recepção o efeito específico de cada gênero de representação. Deve, portanto, ser capaz de construir antecipadamente o lugar da recepção (GOMES, 2004, p. 295).

Assim, tomando como linha de raciocínio o conceito de Tragédia, no qual temos que a felicidade seria obedecer às leis, acreditamos que o povo alemão era feliz à medida que respeitava e obedecia aos princípios da

ideologia e as leis impostas pelo *Führer*, que era um ser humano superior capaz de sistematizar a constituição. Para aqueles que não aceitassem as desigualdades, Aristóteles advertia que seria necessário uma guerra, encontramos uma forma de justificativa que embasa o pensamento de Hitler, que por defender a superioridade ariana e todos os preceitos do nazismo, travou uma guerra e tomou países vizinhos na tentativa de homogeneizar o continente europeu, promovendo a raça ariana.

Como o Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles possui uma ordem de etapas que encaminha para o final, para a catarse, conseguimos identificar na trajetória histórica da Alemanha aspectos que podem ser comparados a estas etapas.

Primeiramente, assim como Aristóteles define o seu protagonista como estando em ascensão, vemos a Alemanha antes da Primeira Guerra Mundial, destacando-se no crescimento intelectual, econômico e social (RIBEIRO JUNIOR, 1987). Seguindo o sistema dramático, temos a peripécia, ou seja, um acontecimento radical que muda completamente a situação do protagonista, neste caso, a Alemanha. Tal acontecimento seria a I Guerra Mundial, cujo final culminou no Tratado de Versalhes, que nomeou o país germano como o causador da IGM, humilhando o Estado e a sociedade alemã, além de todas as perdas territoriais que a Alemanha sofreu e o pagamento pelos prejuízos causados, cujo valor foi estipulado em 269 bilhões de marcos.

Posteriormente à peripécia, temos no Sistema Trágico Coercitivo, o que Aristóteles chamou de “anagnorisis”, que como vimos caracteriza-se pelo reconhecimento do erro, da sua “harmatia” por parte do protagonista. Com isso, relaciono o que foi explicitado anteriormente, quando afirmei que Hitler se utilizou da censura aos judeus para convencer a sociedade alemã, pois:

Sendo manifesto que o método hábil estriba em provas; que a prova é mais uma demonstração – pois que a nossa confiança é tanto mais firme quanto mais convencidos estivermos de ter obtido uma demonstração (ARISTÓTELES, s/d, p. 30).

Através de alguns exemplos e de afirmações vindas do protagonista do nazismo, o engajamento da sociedade na ideologia ficou muito mais fácil, visto que para eles todos os judeus encaixavam na definição e exemplificação de Hitler. Parafraseando o filósofo grego (ARISTÓTELES, s/d), os alemães censuraram até mesmo aquele judeu que não era rico, não estava dentre a

elite cultural e nem se envolvia com a sociedade alemã, pelo simples fato de talvez fazê-lo e/ou sê-lo, já era merecedor do escárnio.

Com isto, ocorre uma catástrofe na economia alemã, bem como no aspecto social e cultural da sociedade, conectando-se novamente à teoria dramática de Aristóteles, que propõe exatamente uma fase chamada catástrofe após a peripécia. Finalizando o raciocínio de Aristóteles, surge a catarse, fator principal para que exista a Tragédia. O nazismo seria a catarse da Alemanha, pois foi através dele que os elementos perturbadores da sociedade alemã foram extintos, ou seja, os judeus, os negros, os homossexuais, os comunistas e assim por diante. A catarse através do nazismo purificaria a sociedade alemã, permanecendo apenas a raça ariana. Como Aristóteles afirmou, segundo Boal (2005), o que deve ser destruído são vícios, erros e/ou debilidades, uma impureza que esteja dentre estes. A impureza algo que ameaçaria o indivíduo em seu equilíbrio, conseqüentemente, ameaçaria a sociedade. Define a impureza como algo que não é uma virtude, assim sendo, estaria contra as leis definidas pela virtude maior, que é a Justiça. Portanto, permanecemos com a ideia de que os alemães tinham na sociedade elementos perturbadores, e agregamos esta última afirmação: as minorias supracitadas ameaçavam a sociedade alemã em seu equilíbrio econômico e social, bem como era previsto em lei, durante o nazismo, estas minorias não eram bem aceitas, atentando às leis vigentes.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sistema dramático idealizado há mais de 2200 anos por um dos maiores filósofos da história, o Sistema Trágico Coercitivo de Aristóteles, já no seu nome indica qual é o seu objetivo e, respectivamente, qual o meio utilizado para alcançá-lo: a Tragédia, utilizando-se de ferramentas coercitivas para atingi-la. Ao aproximar o campo teatral (com foco no STCA) do sistema nazista, imposto por Adolf Hitler, na Alemanha, durante a Segunda Guerra Mundial, temos um processo dialético a ser desenvolvido.

O objetivo desta monografia foi realizar um diálogo entre os processos comunicacionais utilizados durante o nazismo, bem como as etapas identificadas na história precedente e vigente desta ideologia de origem alemã, e o sistema proposto por Aristóteles. Procurou-se, também, inferir acerca da problemática definida na investigação: a hipótese de o sistema Nazista ter tido como inspiração os conceitos e métodos utilizados por Aristóteles na concepção do STCA.

Após a revisão bibliográfica dos temas envolvidos nesta dialética, tais como argumentação na comunicação, a teatralização política, propaganda nazista, o STCA, o processo metodológico da dialética, entre outros, entendeu-se que a ação apresentada por Aristóteles é a essência de muitos episódios já vistos no decorrer da história da nossa sociedade, podendo-se apontar em muitos governos ditatoriais a mesma estrutura comunicacional encontrada no nazismo, conseqüentemente, encontrada no STCA.

Porém, centralizando na dialética “nazismo X STCA”, ficou clara a ligação entre estes, tanto que foi possível estabelecer relações diretas entre as etapas do STCA e os fatos que originaram ou mantiveram o nazismo no poder. Além da identificação de características do STCA com o nazismo, foi possível relacionar as variáveis das quais os dois sistemas dependem para obter o sucesso nos seus objetivos, como o conceito de desigualdade empírica, que, na conclusão deste estudo, tem papel relevante na conexão dos temas.

Através deste diálogo foi possível a compreensão de que Hitler nada fez de original, pois não criou novos sentimentos no povo alemão, apenas os exaltou, como o antissemitismo que encontramos registros desde 1854, com o “Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas”, publicado por Conde de Gobineau, o qual já pregava a superioridade ariana, bem como os demais

princípios nazistas que existiam no povo alemão, mas não eram socialmente corretos pela visão da sociedade.

O contexto de recepção, que define como e se o indivíduo/espectador aceitará a nova ideia/sentimento proposta pelo protagonista da obra é outro conceito que torna os dois temas muito convergentes, visto que é imprescindível que aquele que assiste o show proposto, seja político, seja teatral (o que não exclui que um esteja dentro do outro e vice versa) tem o poder de gostar/aceitar o que ali esta sendo sugerido pelo protagonista.

Ainda, ficou visível a necessidade que ambos possuem de obter a empatia do seu espectador, pois os dois sistemas dependem da adesão deste para que seja possível prosseguir com o roteiro político-teatral. Por terem essa necessidade de criar a empatia, é incontestável a forte figura criada para o protagonista, que em ambos os espectros possui forte poder de oratória, assim como uma linguagem corporal muito desenvolvida e de forte influência.

Consideramos que há diversas conexões a serem estabelecidas através da dialética, visto que existem temas cujas inspirações são complexas, como é o caso do nazismo. A adesão do povo alemão à ideologia foi dada pela hábil oratória de Adolf Hitler, e este fato já foi comprovado e discutido há muitos anos, porém, há outros aspectos envolvidos nesta persuasão, como foi demonstrado nesta monografia, o que representa que há outros temas a serem trabalhados e que estes possuem aspectos os quais ainda não temos ciência. Entendemos que a procura por mais elementos da história da humanidade engrandece a compreensão da nossa atualidade e podemos, assim, buscar mudanças que possam agregar no nosso futuro.

## BIBLIOGRAFIA

ARISTÓTELES, 384-322 A.C. **Arte Retórica e Arte Poética**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1966.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas**. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 2005.

BOBBIO, N.; MATTEUCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de Política**. Coord. trad. João Ferreira; rev.geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BRETON, P. **A Argumentação na Comunicação**. Tradução de Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 1999.

DEMO, P. *Dialética e Qualidade Política*. In: **DIALÉTICA HOJE**. Teresa Maria Frota Haguette (org.). Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1990.

DIEHL, Paula. **Propaganda e persuasão na Alemanha nazista**. São Paulo : Annablume, 1996.

FONSECA, A. *A imaginação no poder: o teatro da política na encenação da legitimidade*. In: **CONTRACAMPO**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Niterói: Instituto de Arte e Comunicação Social, 2007. V.16. 1ºsem./2007.

GIRARDI JUNIOR, Liraucio. **Pierre Bordieu**: questões de sociologia e comunicação. São Paulo: FAPESP, 2007.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na Era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus,2004.

KOCH, Hannsjoachim W. **A Juventude Hitlerista** – mocidade traída. Rio de Janeiro: Ed. Renes Ltda, 1973.

PAVIS, P. **Dicionário de Teatro**. Tradução sob a direção de J. Guinsburg e Maria Lúcia Pereira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

RIBEIRO JUNIOR, João. **O que é nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

WEPMAN, Dennis. **Os grandes líderes: Hitler**. São Paulo : Nova Cultura, 1987.



**Textos e documentos provenientes da internet:**

AZEVEDO, Carlos. **Meios de Comunicação como Armas de Guerra**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. Nov., 2001. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/azevedo-carlos-comunicacao-armas-guerra.html> Acesso em 04/11/2011

GOLDIM, José Roberto. **Eugenia**. Artigo do site Bioética e Ética na Ciência. Abr., 1998. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/bioetica/eugenia.htm> Acesso em: 25/10/2011

SOUSA, Ricardo A. S.. O CONDE GOBINEAU E O HORROR À AMBIVALÊNCIA. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 12., 2006, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.rj.anpuh.org> Acesso em: 17/03/2012

**Filmes**

GERONIMI, CLYDE. *Education for Death: The Making of the Nazi*. [Animação – vídeo]. Produção de Estúdios Walt Disney e produção de Clyde Geronimi. Estados Unidos da América, Walt Disney Pictures, 1943. ~11 min. color. son.

RIEFENSTAHL, LENI. *O Triunfo da Vontade*. [Filme-vídeo]. Produção, direção e montagem de Leni Riefenstahl, roteiro de Leni Riefenstahl e Walter Ruttmann. Alemanha, Partido Nacional Socialista Alemão (NSDAP), 1935. ~ 110 min. p&b. son.